

**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

**Educação**

**Mestrado em: Didática do Português**

# Avaliação de Manuais Escolares de Português

Ana Raquel Santos e Lobo

Coimbra

2013



**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Educação

Mestrado em: Didática do Português

# Avaliação de Manuais Escolares de Português

**Ana Raquel Santos e Lobo**

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Pedro Balaus  
Custódio

outubro de 2013



## **Agradecimentos**

As primeiras pessoas a quem vou agradecer, serão, naturalmente, os meus pais, porque só por causa deles é que tive condições de continuar a frequentar este mestrado. E aos meus avós que também tiveram a sua quota parte neste processo, sendo pessoas muito importantes para mim.

Queria também agradecer a todo o resto da minha família.

Ao Instituto Educativo de Lordemão por me terem autorizado a entrega de questionários a professores e alunos.

Aos meus amigos David Queirós e Violeta Fachada e restantes amigos que mais me acompanharam ao longo deste processo.

Às minhas colegas de licenciatura e de mestrado.

A todos os professores da minha licenciatura e mestrado, especialmente ao Doutor Pedro Balaus, e à própria ESEC, incluindo o CDI.

À Bertrand do Forum Coimbra, onde tive a oportunidade de conhecer mais e melhor o mercado do manual escolar.

A todos os alunos que tive até agora.

À Professora Elisabete Bandeira e Professora Paula Duarte do Agrupamento de Escolas Martim de Freitas e Professora Cidália Marques do Agrupamento de Escolas Silva Gaio, pelo empréstimo de manuais.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos por toda a disponibilidade dispensada.



**Resumo:**

A presente tese de mestrado pretende analisar e retirar conclusões justificativas acerca da questão de avaliação de manuais escolares de português. Para isso, procedeu-se à escolha de seis manuais de português referentes ao 6º ano de escolaridade. Depois de analisados e classificados, foram entregues inquéritos a professores e alunos com vista a concluir qual o seu nível de conhecimento em relação à avaliação de manuais escolares, se os alunos fazem o uso devido e apropriado do manual, se gostam e se se sentem satisfeitos com o mesmo. Esta análise também deu origem a outras conclusões, como por exemplo os hábitos de leitura dos alunos.

O enquadramento teórico teve por base uma escassa bibliografia, dado haver muito poucos recursos neste campo. Foram abordados temas sobre o ponto de vista da importância do manual escolar, o papel do professor e da escola tendo em conta o manual escolar. Foi também desenvolvido o tema pertencente ao mercado do manual escolar e as críticas já existentes sobre esse facto, assim como consultados os decretos-lei que comportam toda a legislação de acreditação de manuais escolares, aos quais foi dado especial destaque.

**Palavras-chave:** Adoção de manuais escolares, recursos didáticos, orientações curriculares.

**Abstract:**

This master thesis aims to analyze and draw conclusions about the issue of Portuguese textbooks evaluation. Thus, we have chosen six Portuguese manuals for the 6th grade. After book analysis and classification, surveys were given to teachers and students in order to demonstrate what was the level of knowledge regarding the evaluation of textbooks and if students make due and proper use of the manual and if they like and feel satisfied with it, which also allowed us to draw other conclusions, such as reading habits.

The theoretical framework was based on a sparse literature, since there are very few resources on this matter. Topics discussed were: the importance of the textbook, the role of the teacher and school concerning the textbook, and I also developed some considerations regarding the textbook market and its critics. I've also consulted all articles regarding the legislation on textbooks, which I emphasize here.

**Keywords:** adoption of textbooks; teaching resources; curricular content.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	5
1. Enquadramento Teórico .....	7
1.1. Em que consiste o manual escolar .....	7
1.2. Funções do manual escolar .....	8
1.3 O papel das ilustrações.....	11
1.4 A atitude da escola face ao manual escolar .....	12
2. A influência do mercado escolar .....	14
3. Os manuais escolares – reflexões e críticas.....	16
4. A emergência de uma política de manuais escolares .....	18
5. Aspetos a ter em conta na análise de um manual escolar.....	19
6. O papel do manual escolar na transmissão de conhecimentos e uso de outros recursos didáticos .....	20
7. O papel do professor face ao manual escolar .....	21
8. A evolução de processo de acreditação e avaliação de manuais escolares ..	23
9. Enquadramento do processo de apreciação, seleção e adoção de manuais escolares.....	29
10. Processo de acreditação de entidades avaliadoras.....	30
CAPÍTULO II – INVESTIGAÇÃO – AÇÃO.....	35
1. Metodologia.....	37
1.1 Objeto de Estudo.....	37
1.2 Descrição dos manuais.....	37
1.2.1 Manual A.....	37
1.2.2 Manual B .....	38
1.2.3 Manual C .....	39
1.2.4 Manual D.....	40
1.2.5 Manual E .....	41
1.2.6 Manual F .....	42
2. Análise de Manuais .....	43

2.1 Manual A .....	43
2.2 Manual B .....	45
2.3 Manual C .....	47
2.4 Manual D .....	49
2.5 Manual E.....	51
2.6 Manual F.....	53
3. Apresentação de Resultados.....	55
3.1 Organização e Método.....	55
3.2 Informação.....	56
3.3 Comunicação .....	58
3.4 Características materiais .....	59
4. Apresentação de resultados dos inquéritos.....	60
4.1 Inquéritos aos professores .....	60
4.1 Inquéritos aos alunos .....	82
CONCLUSÃO .....	101
BIBLIOGRAFIA.....	107
ANEXOS.....	113

## **Abreviaturas**

ME - Ministério Educação

DGIDC - Direção Geral Inovação Desenvolvimento Curricular

CNEB – Currículo Nacional Ensino Básico

EUA – Estados Unidos da América

ESEV – Escola Superior de Educação de Viseu

EACME – Entidade para Avaliação e Certificação de Manuais Escolares

EB – Ensino Básico

DGE – Direção Geral de Educação

PNL – Plano Nacional de Leitura

EVT – Educação Visual e Tecnológica



## **Tabelas**

Tabela 1 – Avaliação Manual A.....	43
Tabela 2 - Avaliação Manual B.....	45
Tabela 3 - Avaliação Manual C.....	47
Tabela 4 - Avaliação Manual D.....	49
Tabela 5 - Avaliação Manual E.....	51
Tabela 6 - Avaliação Manual F.....	53
Tabela 7 – De entre os seguintes pontos, assinale os aspetos que julga serem os mais importantes na avaliação de um manual. ....	61
Tabela 8 – Quais os aspetos que acha fundamentais na avaliação de um livro de Português? .....	64
Tabela 9 – Que tipo de atividades?.....	67
Tabela 10 - Justificação da pergunta anterior.....	68
Tabela 11 – Exemplos do uso que os professores fazem através das novas tecnologias. ....	70
Tabela 12 – Exemplos de recursos didáticos que os professores mais utilizam. ....	71
Tabela 13 – Exemplos práticos de aulas lúdicas. ....	72
Tabela 14 – Exemplo de erros que os professores encontram em manuais escolares.....	75
Tabela 15 – Em que situações desenvolve textos sobre a educação para a cidadania?.....	76
Tabela 16 – Exemplos práticos usados pelos docentes em relação à pergunta anterior.....	77
Tabela 17 – Justificação da pergunta anterior. ....	78
Tabela 18 – Se respondeste sim, indica o que costumás procurar num livro de português a primeira vez que o abres. ....	83
Tabela 19 – Se sim, explica porquê. ....	84
Tabela 20 – Se respondeste sim, indica se o costumás consultar e em que situação. ....	88
Tabela 21 – Quando estudas pelo manual costumás guiar-te através de.....	89
Tabela 22 – Se respondeste sim, dá um exemplo de um texto que tenhas lido e gostado. Se te lembrares referencia também o autor. ....	90
Tabela 23 – Consoante a tua resposta, explica porquê. ....	94
Tabela 24 – Consoante a tua resposta explica porquê. ....	96
Tabela 25 – Muito resumidamente, tenta descrever qual é para ti o manual ideal que te ajudasse a estudar melhor e com menos dúvidas.....	99

## Gráficos

Gráfico 1 – Classificação quanto à organização e método.....	55
Gráfico 2 – Classificação quanto à informação .....	56
Gráfico 3 - Classificação quanto à comunicação .....	58
Gráfico 4 - Classificação quanto às características materiais .....	59
Gráfico 5 - Sexo .....	60
Gráfico 6 – Conhece os critérios de avaliação a ter em conta na avaliação de um manual? .....	61
Gráfico 7 – De entre as afirmações escolha a que acha mais correta.....	63
Gráfico 8 – Um manual é... ..	65
Gráfico 9 – Nas aulas valoriza mais que tipo de texto? .....	66
Gráfico 10 – Desenvolve projetos interdisciplinares?.....	66
Gráfico 11 – Dá mais valor a um manual que desenvolve a autonomia do aluno ou um manual que desenvolve a criatividade?.....	68
Gráfico 12 – Faz uso de novas fontes de saber/informação como é o caso da Internet?.....	69
Gráfico 13 - Costuma usar outro material didático para além do manual adotado? .....	71
Gráfico 14 – Preocupa-se em atribuir às suas aulas um carácter prático? .....	72
Gráfico 15 – Acha que o manual adotado deve apenas respeitar as orientações que constam no currículo nacional? .....	74
Gráfico 16 – Tem o cuidado de reparar em possíveis erros do manual, os quais poderão não estar adequados ao nível de aprendizagem dos alunos? .....	74
Gráfico 17 – Tem o cuidado de trabalhar textos que desenvolvem a educação para a cidadania? .....	75
Gráfico 18 – Costuma averiguar se o manual adotado contém discriminações quanto a sexos, etnias, religiões, deficiências? .....	77
Gráfico 19 – Trabalha apenas os textos existentes no manual? .....	78
Gráfico 20 – O que pensa ser mais importante?.....	79
Gráfico 21 – Considera o peso do manual um fator a ter em conta na sua avaliação? .....	80
Gráfico 22 – Que tipo de manual prefere? .....	80
Gráfico 23 – Dá especial atenção às obras sugeridas pelo PNL?.....	81
Gráfico 24 – Costuma recorrer ao dossier do professor que, na maioria dos casos, os manuais têm com múltiplos recursos (planificações, fichas de avaliação, planos de aulas, etc.)?.....	82
Gráfico 25 – Sexo.....	82

Gráfico 26 – Tens por hábito folhear o manual antes de começarem as aulas?	83
Gráfico 27 – No final de um dia de aulas, costumavas abrir o livro de português em casa e ler alguns textos?.....	84
Gráfico 28 – Costumas estudar pelo.....	85
Gráfico 29 – Efectuas exercícios do livro de actividades ou manual por livre e espontânea vontade?.....	86
Gráfico 30 – Gostas das ilustrações do teu manual de português?.....	86
Gráfico 31 – Que tipo de exercícios consideras mais interessantes. ....	87
Gráfico 32 – O teu manual contém um guia gramatical (o qual pode ser anexo ao livro, ou constar na última unidade do mesmo)?.....	88
Gráfico 33 – Gostas dos textos do teu manual de português?.....	89
Gráfico 34 – Que tipo de textos gostas mais? .....	91
Gráfico 35 – Achas que o teu manual é muito pesado? .....	91
Gráfico 36 – O teu manual tem... ..	92
Gráfico 37 – O teu manual permite a reutilização?.....	93
Gráfico 38 – Dos textos do manual que já leste, ou estudaste nas aulas, conseguiste perceber com clareza o seu tema principal? .....	93
Gráfico 39 – Sentes vontade de ler e estudar quando abres o manual de português?.....	94
Gráfico 40 - Gostas de desenvolver actividades de português juntamente com outras disciplinas? .....	96
Gráfico 41 – Consegues compreender e cumprir as orientações de cada texto do teu livro que, na maioria das vezes, costumam estar apelidadas de: “ANTES DE LER”, “LEIO”, “ESCREVO”, “COMPREENDO”, “OFICINA GRAMATICAL”? .....	97
Gráfico 42 – Costumas usar a Internet para estudar?.....	98
Gráfico 43 – O teu manual apela ao uso de outros materiais de estudo que não sejam o livro? .....	99



## **INTRODUÇÃO**



Os manuais escolares não são iguais aos outros livros, não devendo, por isso, ser esquecidos numa prateleira, pois fazem parte do dia a dia dos alunos. São um guia dos programas curriculares, acabando até por funcionar como o próprio programa da área curricular (Castro, et al., 1999). Direta e indiretamente são dirigidos ao docente, oferecendo-lhe uma ferramenta de trabalho com imensas sugestões pedagógicas, envolvendo toda a comunidade educativa (Farinha, 2007). Logo, apresentam-se como um objeto complexo, dada a sua pluralidade de destinatários e metas a atingir (Castro, in Morgado, 2004). O manual escolar adquire, também, várias funções, como é o caso da transmissão de conhecimentos, que vai influenciar o carácter profissional dos alunos no futuro, acrescentando aquisições de nível social de cultural (Santo, in Rego et al., 2010).

A escola assume, também, um papel fundamental face ao uso do manual escolar, pois será a partir dela que o manual será escolhido e usado por professores e alunos, devendo, por isso, saber obter as melhores medidas para um bom processo de ensino e aprendizagem (Morgado, 2004).

Com efeito, é importante que os professores saibam observar as influências refletidas nos alunos em relação ao uso dos manuais escolares, com vista a adotar o melhor manual para, assim, ajudar o aluno (Castro, et al., 1999).

A qualidade dos manuais escolares é também um fator a ter em conta, uma vez que o mercado dos manuais escolares terá também aqui a sua influência, dado vivermos cada vez mais num mundo de competição.

O ME deve, por isso, fornecer as melhores condições de avaliação de manuais escolares, com objetivos esclarecedores, estabelecendo leis com os procedimentos adequados a executar nesta tarefa.

No entanto, a verdade é que se tem assistido a uma descentralização no que respeita à avaliação e acreditação de manuais escolares, sobre o qual só há bem

pouco tempo é que Portugal começou a desenvolver um sistema de certificação (Rego, et al., 2010).

De acordo com o estabelecido pela lei em vigor, os manuais escolares devem obedecer a uma observação e certificação prévias, orientadas por docentes e investigadores a lecionar o mesmo nível de ensino do manual avaliado.

Contudo, a problemática da avaliação de manuais escolares é ainda mais complexa e exigente. Será a partir desta ordem de ideias que irei desenvolver a minha investigação.

## **CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**



## **1. Enquadramento Teórico**

### **1.1. Em que consiste o manual escolar**

Para Castro et al (1999) *“Os manuais escolares podem ser vistos como livros iguais a quaisquer outros, mas sem vocação para adormecerem e sujeitar-se ao pó da prateleira, porque eles fazem parte da travessia diária de uma ponte, palmilhada pelos alunos, ladeada de pequenas árvores, em que as suas folhas se desprendem da grande árvore da educação e dos programas oficiais”*.

Segundo Farinha (2007), o manual escolar é como um guia dos programas curriculares prescritos pelo ME para um funcionamento padronizado das aulas. Acabam, por isso, muitas vezes, por funcionar como o próprio programa da disciplina em causa, como uma base estável, a que o professor irá recorrer para preparar as suas atividades letivas diariamente.

Segundo Castro (in Farinha, 2007), os livros são recursos muito complexos devido à rede de ligações intertextuais em que se encontram, à diversidade de destinatários, aos diversos objetivos pedagógicos a cumprir e aos seus condicionalismos de política de produção, análise e difusão. São, direta ou indiretamente, dirigidos ao próprio docente da área, ou seja, uma ferramenta de trabalho com sugestões pedagógicas, que envolvem todos os intervenientes da ação educativa, conduzindo-os para o processo de ensino-aprendizagem (Farinha, 2007).

Segundo Castro (in Morgado, 2004), os manuais escolares são objetos especialmente complexos, aspeto que contribui para a rede de relações intertextuais em que são posicionados, a pluralidade dos seus destinatários, a multiplicidade de metas a atingir que a sua utilização requer, assim como todos os condicionalismos que apontam a sua realização e divulgação.

## 1.2. Funções do manual escolar

Os manuais escolares desempenham um papel fundamental no ensino. Todos têm plena consciência que a base dos materiais escolares incide sobretudo nos manuais escolares, o que, em alguns casos, são os causadores por se dar maior ou menor relevância a um determinado assunto nas aulas, assim como influencia a participação dos alunos na aquisição de conhecimentos, os quais lhes permitem o verdadeiro conhecimento da realidade (Morgado, 2004).

O manual escolar assume funções ao nível do aluno, direcionadas para as aprendizagens escolares, como é o caso da transmissão de conhecimentos, desenvolvimento de capacidades e competências de aprendizagens destinadas ao aluno. Podemos, também, destacar as funções de caráter profissional, que dizem respeito à vida quotidiana e ao futuro dos alunos como cidadãos, onde se podem enquadrar as funções de avaliações das aquisições social e cultural (Santo, in Rego et al., 2010). O papel do manual escolar é interpretado tendo em conta a sua ação pedagógica, nível informativo, de estruturação e organização quanto à sua estruturação de aprendizagem encaminhada ao aluno.

Para Rego et al. (2010), os manuais escolares têm assumido um papel importante e ao mesmo tempo polémico. O manual escolar é o único livro que, inserido numa sociedade com acesso a uma educação de qualidade para todos, se encontra disponível a todos sem exceção, independentemente do seu estatuto social e cultural, socioeconómico, ou do local onde vive. Logo, este aspeto fundamenta a preocupação existente numa igualdade de direitos no que respeita à educação.

Por outra perspetiva, alguns manuais escolares obedecem a valores e atitudes defendidos por determinadas classes sociais dominantes, ao passo que as sociedades mais desfavorecidas são encaradas como algo que não deve fazer parte da realidade social, a qual não pode ser transformada (Morgado, 2004).

Como tal, existem manuais escolares que são elaborados correspondendo a uma base etnocêntrica, constituindo numa visão e análise muito limitada, chegando mesmo a omitir a realidade de outras sociedades e culturas diferentes, contribuindo para a existência de estereótipos a determinadas sociedades (Idem, 2004).

Um manual escolar deve ter em consideração: a articulação entre a escola e os desafios sociais contemporâneos, os quais apelam a uma nova postura do docente; uma boa organização de recursos, no que respeita ao processo de ensino-aprendizagem; o valor pedagógico e cultural que cabe aos professores na utilização dos diferentes materiais didáticos a que tem acesso e o recurso a novas tecnologias (Idem, 2004).

Conforme podemos verificar pelos Decretos-Lei nº57/87, de 31 de janeiro e nº176/96, de 21 de setembro, as funções do manual escolar são também atualizadas tendo em conta a sua estruturação, o CNEB, o qual requer conhecimentos com um domínio específico (Choppin, in Rego et al., 2010).

Perante Choppin (in Farinha, 2007), a complexidade do manual escolar permite um certo número de interpretações distintas, tendo em conta as suas funções:

- **produto de consumo** – consiste na publicação do livro, incluindo processos de produção (composição tipográfica, impressão, encadernação). A sua divulgação irá depender do mundo da edição e, também dos contextos económico, político e epistemológico em que o futuro manual se irá inserir. O mercado do manual escolar joga com as políticas educativas em vigor (escolaridade obrigatória e seu possível aumento; aumento do número de áreas curriculares, etc.), evoluções demográficas (aumento de natalidade) e, sem esquecer, da perceção por parte do poder político do papel a desempenhar pelas próprias editoras quanto à sua elaboração, produção e

divulgação (promoção de concursos pelos poderes políticos, comissões de fiscalização, etc.);

- **suporte de conhecimentos escolares** – consignatário de conhecimentos e valores, que ajudam na transmissão de assuntos aos alunos (futuras gerações). O manual, sendo sinónimo de programa curricular, é refletor da sociedade em que está inserido, dos seus conhecimentos e estereótipos, quer pelo que revela como pelo que não revela;
- **condutor ideológico e cultural** – é um transportador de sistema de valores, de uma ideologia e cultura através dos seus textos, imagens, exemplos práticos e títulos sugestivos, acabando por favorecer o poder das classes dominantes;
- **instrumento pedagógico** – sendo uma obra estruturalmente coerente é inseparável dos moldes de ensino determinados, demonstrando tradições, inovações e, também, utopias pedagógicas de cada época.

*“Sendo os manuais escolares um repositório dos conteúdos legitimados na escola e para a escola, são, em simultâneo, uma tecnologia para transmissão daqueles, integrando aspetos relativos à sequência e ao ritmo da sua transmissão, através, por exemplo, das atividades que propõem e dos modos de avaliar as aquisições realizadas; neste sentido, desempenham importantes funções pedagógicas. Olhados por este ângulo, eles podem permitir aceder ao conhecimento da “ideologia pedagógica” subjacente, do modo como é entendido o processo de “transmissão” e “aquisição” que tem lugar na sala de aula e do “papel” que nele é reservado aos alunos e aos professores.”*  
(Castro, in Morgado: 2004, pag. 44)

De igual modo, José Correia e Manuel Matos (in Morgado, 2004), realçam a importância dos manuais escolares na regulação da ação pedagógica de muitos docentes:

*“Para além de gozar de um forte protagonismo na determinação do currículo vivenciado pelos alunos, o manual escolar (...) desempenha um papel indispensável na redução simbólica da heterogeneidade da ação pedagógica desenvolvida pelos professores de cada um dos grupos disciplinares de uma mesma escola. Independentemente de ter sido objeto de uma escola concertada, o manual adotado constitui, eventualmente, o único referencial comum aos docentes de cada um dos grupos, o único referencial comum aos docentes de cada um dos grupos disciplinares.”*

*“Amados, por uns, e criticados, por outros, (...) continuam a desempenhar um papel insubstituível na educação. Com efeito, além de um meio didático de extrema utilidade – para alunos, professores e, por que não, para as próprias famílias/encarregadas de educação -, eles veiculam valores e princípios, ideologias e perspetivas, ao mesmo tempo que ajudam a fixar e a modular memórias, inclusive a própria história e mesmo a(s) identidades(s).”* (Mendes, in Morgado: 2004, p. 37)

### **1.3 O papel das ilustrações**

Woodward (citado por Farinha: 2007, p. 21) afirmava que *“a inserção de ilustrações nos manuais escolares correspondem para os editores, a uma estratégia de promoção de vendas, e é, para os professores, um fator importante na seleção de manuais”*. Neste sentido, as editoras recorrem às ilustrações para *“refrescar”* o aspeto do livro e a capa, o que leva também alguns professores a utilizar esse *“critério rápido”* para a sua seleção. Resumindo, as ilustrações *“têm sido muito valorizadas, embora de forma pouco consistente, por editores e por*

*professores e têm sido subvalorizadas por didatas e investigadores em educação”* (Woodward, citado por Farinha: 2007, p. 22).

De acordo com o mesmo autor, no que se refere à investigação educacional, o papel das ilustrações na aprendizagem é encarada como modelo auxiliar do discurso oral, continuando, desta forma, o texto a adquirir maior importância, tal como indica Choppin (in Farinha, 2007), a ilustração representa a parte do texto que se encontra escondida.

Segundo Pereira (citado por Farinha:2007, p. 22) *“a grande maioria das análises efetuadas toma como objeto de análise o discurso verbal, ignorando ou minimizando aspetos iconográficos”*.

Por outro lado, para Amador e Carneiro (citado por Farinha, 2007, p. 22), *“um dos principais problemas nesta área é a ausência de um quadro concetual, bem definido, que possa fundamentar uma análise das imagens e seus efeitos na aprendizagem”*.

Em suma, as linhas de pesquisa devem incluir a função didática que as ilustrações desempenham, pois irá permitir equacionar o tipo de relação verbo-icónica. Por outras palavras, irá possibilitar identificar se a analogia que serviu de base à ilustração é explícita e usada como um elemento para facilitar a aprendizagem.

#### **1.4 A atitude da escola face ao manual escolar**

O manual escolar não é um simples instrumento de trabalho. Não deixa, contudo, de atribuir sentido ao trabalho escolar, colaborando na sua estruturação (Morgado, 2004).

Os manuais escolares têm demonstrado uma preponderância evidente no quotidiano dos professores e dos alunos, sendo considerados pela maioria como

auxiliares imprescindíveis da prática pedagógica, constituindo um meio facilitador do processo de ensino-aprendizagem (Idem, 2004).

Segundo Morgado (2004), alguns professores apelidam os manuais escolares de “*intérpretes privilegiados*” das fidelidades das infidelidades do currículo, podendo reunir as propriedades pedagógicas necessárias desempenhando um papel estruturante na prática do aluno.

Morgado (2004) considera haver uma necessidade de recorrer a outras fontes de informação, face a era digital que estamos a atravessar, não fazendo assim do manual o único recurso existente e fiável, não obstante que os mesmos possam continuar a ser portadores da maioria da informação complementar ao programa curricular. Júlio Torres (in Morgado, 2004) considera que este facilita a reprodução do conhecimento académico, essencial para progredir e como sobrevivência da instituição escolar.

A escola deve, antes de tudo, adotar uma posição construtiva centrada preferencialmente na criança, não somente nos professores e nos conteúdos a lecionar, partindo dos seus saberes recebidos para a confrontar com problemas a resolver (Idem, 2004).

Como nos indica Morgado (2004), a carga horária que os docentes têm agregada, o número de alunos que cada professor tem na sua mão, os diversos trabalhos que têm de efetuar para além das atividades letivas, e a burocracia intrínseca à própria atividade docente, são fatores a ter em conta e, em muitos dos casos, dificultam a investigação de outros recursos didáticos, ou mesmo conceção de outras estratégias de ensino, alternativos ao manual escolar.

É imprescindível que o docente observe e tire as suas conclusões sobre a influência que os manuais escolares exercem nos alunos que usam os manuais que lhes são impostos, verificando como estes livros se encontram organizados e se se adaptam ao nível da faixa etária que lhes é destinado (Castro et al, 1999).

Muitas vezes, alguns professores baseiam-se no manual escolar como instrumento único, pois o seu conteúdo é assumido como a única verdade sobre o assunto, inferiorizando o valor que outros recursos, e até mesmo outros manuais escolares, possam afirmar sobre o assunto. Acabam, assim, por anular outras experiências de ensino-aprendizagem que poderiam contribuir para um maior envolvimento do aluno, quebrando a rotina (Idem, 1999).

Interessa referir que o facto dos professores selecionarem e adotarem um manual escolar para as disciplinas que lecionam tem contribuído para que estes recursos sejam um meio de controlo curricular não desprezível. Na verdade, pelo facto de serem elementos estruturadores dos conteúdos disciplinares e um dos principais instrumentos na transmissão de conhecimentos, o manual escolar executa uma importante função no regulamento das práticas pedagógicas (Carvalho, in Morgado, 2004).

Em suma, não é de estranhar que os manuais escolares sejam ferramentas de trabalho muito utilizadas pelos professores e pelos alunos, construídos e dirigidos, preferencialmente, para os primeiros, dado ser ao coletivo docente que compete a escolha do manual para acompanhar o aluno durante um ano letivo, não deixando de ser surpreendente que um recurso que vai ser maioritariamente usado pelo aluno, seja escolhido e analisado pelo professor (Morgado, 2004).

## **2. A influência do mercado escolar**

Várias são as críticas ao excesso das edições de manuais escolares existentes no mercado, as quais põem em causa a sua qualidade, pois acabam por fazer com que os professores responsáveis pela sua adoção não tenham tempo necessário para escolher o manual ideal mediante tanta oferta. É especialmente no 1º ciclo que se verifica um número elevado de manuais para cada disciplina, uma vez que só existem três disciplinas, logo o investimento em manuais neste nível de ensino é

mais baixo. No entanto, a maioria dos professores deste ciclo tem por base as melhores propostas editoriais, o que revela a realidade do nosso sistema de avaliação e certificação de manuais escolares em Portugal. Compreende-se, por isso, porque é que no nível seguinte há uma diminuição de livros, e responde também ao facto de nos restantes níveis de ensino existir menos oferta.

Contudo, não se pode afirmar que a qualidade dos manuais escolares tenha diminuído. Pelo contrário, a mesma até tem vindo a aumentar. Comparando com os manuais de há dez ou vinte anos atrás, o rigor é muito maior, quer no papel utilizado, como no cuidado editorial, gráfico e desenvolvimento de matérias. O controlo na elaboração de um manual escolar é, também, atualmente, muito maior. As editoras têm de apresentar respostas adequadas para que possam apresentar o seu trabalho aos milhares de professores que irão adotar manuais.

O processo de elaboração e desenvolvimento de manuais escolares obedece a uma elevada exigência, começando pelas editoras, pois obriga a importantes investimentos em investigação, envolvendo também a participação de profissionais especializados, autores e criadores intelectuais e, ainda, revisores científicos. Estando, ainda, sujeitos a uma avaliação muito apurada, que, possivelmente, outro livro não terá, pois são submetidos à inspeção quotidiana dos mais de 130.000 professores que lecionam nas escolas de todo o país, acrescentando os pais que usam o manual no acompanhamento do filho.

Perante esta realidade, o ME deve proporcionar as melhores condições de avaliação de manuais escolares aos docentes, exigindo o máximo rigor na sua escolha. Poderá também criar comissões de trabalho que fundamentem o seu trabalho na análise das escolhas feitas pelas escolas, verificando se estão de acordo com os objetivos definidos pela lei atual, como a qualidade científica e pedagógica, sem nunca esquecer o cumprimento dos programas curriculares em vigor e outras orientações curriculares. No entanto, este processo poderá registar gastos

consideráveis ao Estado Português, pois para cada área disciplinar serão precisos especialistas que terão de analisar manuais durante meses, emitir relatórios conclusivos e, permitir às editoras a sua revisão. Este processo, para além de ser dispendioso para o país, irá também pôr em causa o trabalho dos professores e mesmo dos próprios alunos, devido ao atraso que pode implicar todo este processo de verificação extenso e cauteloso.

### **3. Os manuais escolares – reflexões e críticas**

As escolas portuguesas apresentam uma carência de material escolar, sobretudo no que diz respeito ao material didático, dado que os recursos não podem limitar-se apenas ao manual escolar. Em algumas escolas existe mesmo uma ausência de recursos didáticos, levando a prática educativa a tornar-se monótona, pois o professor usa sempre o manual escolar. O mesmo acontece quando o tempo é escasso e não há disponibilidade para explorar outros materiais educativos, mesmo que os mesmos existam na instituição escolar (Castro, et al, 1999).

É urgente a implementação de outras metodologias no processo de ensino-aprendizagem que permitam mais interação e que motivem o aluno a desenvolver os seus próprios recursos didáticos, originando sentido de responsabilidade, autonomia e cooperação entre colegas. Tais medidas devem combater a falta de autoestima dos alunos, a falta de interesse pelas aulas, o insucesso escolar, a indisciplina, etc. (Idem, 1999).

De acordo com Castro et al (1999), os manuais escolares, sendo um auxiliar importantíssimo no processo de ensino-aprendizagem, favorecem em grande parte o processo educativo, desempenhando um papel determinante no seio escolar, fornecendo documentos de leitura e interpretação do real, esclarecendo objetivos de aprendizagem, transmitindo valores, configurando consideravelmente os processos pedagógicos.

Os manuais escolares escoltam caminhos didáticos, desenvolvem ódios de estimação, estimulam amores que se mantêm para sempre, previnem objetivos, alvitram trajetos multidirecionados, substituem docentes, difundem-se em explicações, valorizam o que é original, registam complicações, criam complicações, apoquentam ou divertem os alunos, que os enchem de sublinhados ou os riscam dramaticamente, pintando-o de várias cores, amarrotando, despedaçando, esmagando contra os restantes materiais que carregam na mochila. De uma forma ou de outra, acabam por fazer parte do quotidiano da vida de aluno, acompanhando o mesmo durante todo o ano letivo (Idem, 1999).

Como nos indica Castro et al (1999), os manuais escolares são autênticos “*best-sellers*”, que se situam nos tops mais vendidos em Portugal, não escapando a polémicas e críticas. O mesmo autor refere ainda a existência, no passado, de um “*manual único*”, que atravessava gerações e Portugal inteiro recitava os seus textos em conjunto.

No entanto, são ainda alguns os encarregados de educação que se manifestam contra o manual escolar, porque depois de acabadas as aulas serve apenas para ficar arrumado num canto do armário, no sótão, na garagem, na cave, não apresentando quaisquer benefícios para os seus educandos.

Noutro sentido, é certo que o manual escolar, quando bem especificado, claro e conciso, irá contribuir para o sucesso ou não do aluno em questão, tecendo assim as suas malhas do sucesso ou insucesso escolar.

Por tudo isto, é importante definir uma política de manuais escolares, que recorram a outras fontes de conhecimento, facilitando o processo de ensino-aprendizagem, orientando-se no sentido de satisfazer um conjunto de objetivos elementares (Castro et al, 1999).

Como nos indica Castro et al (1999), os alunos carregam o seu manual no “*saquinho de joias preciosas*”, ou, por outras palavras, nas suas pastas escolares,

que *“aconchegam o peso da sabedoria ao corpo”*, transportando diariamente o manual de português.

Com o fim das férias espera-se uma nova etapa escolar, nos inúmeros manuais escolares a comprar para que o ano letivo corra da melhor maneira. Desta forma, a escola torna-se o centro das atenções, sendo a partir dela que a maioria dos jovens constrói a vida, com ou sem êxito. Para a maioria das famílias portuguesas o início do ano escolar é uma roda-viva de coisas novas a surgir na vida dos estudantes. Significa uma renovação de expectativas com esperança num novo ano repleto de novas aprendizagens, sendo também a altura do ano em que os pais acabam por querer gastar mais dinheiro com os filhos, precisamente por pensarem que será para darem o seu melhor.

Um livro é como um convite à leitura, mas o interesse do leitor passa pela conveniência do conteúdo que compõem o livro e pela sedução que o mesmo transmite ao ser folheado.

*“Aderimos, ou não, ao toque gostoso do papel, à mancha das palavras organizadas em colunas, somos sensível ao estímulo provocado por cada imagem, os nossos olhos brilham e sorriem face à sugestão das cores...e o texto torna-se fácil e apetecível e o seu conteúdo inteligível. Participam as mãos, os olhos, enfim, todos os nossos sentidos reunidos numa análise que, pretendemos, seja o mais aliciante possível”* (Castro et al, 1999, p. 142).

#### **4. A emergência de uma política de manuais escolares**

Na perspetiva de Castro et al (1999), ponderando que há muitas famílias com educandos em idade escolar, tornando-se importantes alguns dos seguintes aspetos:

- garantir a solidez dos manuais escolares, não comprometendo a inovação tecnológica, e definindo um período de vigência dos manuais que sustentam o currículo oficial;
- movimentar um sistema de qualidade e controlo que assegure o rigor científico e pedagógico dos manuais escolares de cada área curricular em todos os níveis de ensino;
- enaltecer os benefícios da multiplicidade de iniciativas editoriais, por parte da sociedade, a quem cabe a tarefa de construção, produção, difusão e distribuição dos materiais, sem que o ME continue a ter a responsabilidade de organizar manuais específicos de matérias que nenhuma editora elabora;
- valorizar a escolha do manual adotado pelos órgãos de gestão e pelos professores implícitos nessa tarefa, facultando-lhes instrumentos de seleção e análise, debatendo-se arduamente, nas instituições, entre os docentes das várias áreas curriculares e níveis de ensino. A fiabilidade científica, identificação de métodos e atitudes, hábitos de trabalho de vida, a capacidade que um manual revela ao conduzir o aluno ao desenvolvimento cognitivo que ultrapasse a barreira da aquisição de conhecimentos e valores e atinja a propriedade onde se formam as competências, sob as quais o aluno seja capaz de desenvolver determinadas tarefas em função do que aprendeu com o manual.

##### **5. Aspetos a ter em conta na análise de um manual escolar**

O professor deve dar especial valor a vários aspetos na seleção de manuais escolares, bem como livros de consulta, destacando-se aqueles que:

- têm exclusiva intenção de seguir o programa oficial, conduzindo a informações objetivas e importantes;

- devem ser úteis para o trabalho do docente e discente, motivando para o conhecimento, estimulando a aprendizagem, criatividade e imaginação;
- devem ser realistas e conter informações atualizadas, estimulando o abrigo a outras fontes de conhecimento, apresentando outras opções de investigação, abrindo espaço a outros trajetos, apelando ao trabalho autónomo e sentido crítico;
- têm nível de linguagem e terminologia adequada à faixa etária dos alunos, favorecendo a interdisciplinaridade;
- têm ilustrações sugestivas, de acordo com os textos, e sobretudo reais;
- têm textos bem distribuídos e selecionados, como imagens e legendas adequadas, em concordância científica com o texto base;
- possuam informação pertinente, que também elucide para o trabalho de pesquisa, sugestivas com critérios e rigor científico (Casto et al., 1999).

## **6. O papel do manual escolar na transmissão de conhecimentos e uso de outros recursos didáticos**

O manual escolar é comunicador de valores afetivos, estéticos, sociais, intelectuais e espirituais. Por isso mesmo, o livro escolar é incentivador do desenvolvimento ou do desinteresse do aluno, pela atividade escolar. Qualquer obra difunde algo ao leitor e os alunos não são indiferentes a esta interferência, quer esta seja positiva ou negativa (Castro et al., 1999).

A existência de outros manuais escolares e materiais didáticos de consulta são importantes no auxílio das crianças para que estes formulem novas maneiras de pensar, sabendo pesquisar informação adequada. Também os novos meios de comunicação transmitem uma realidade em que encontramos variadíssima informação, por exemplo os jornais e revistas que, são meios imediatos de conhecimento em que a palavra perdura, assim como no livro. Toda a tecnologia

educativa é importantíssima no processo de ensino-aprendizagem “*no momento em que os jovens preferem viver à sombra de imagens e de palavras-chave*” (Castro et al, 1999, p. 145).

Tal como nos alerta Castro et al (1999), o professor já não é a única transmissão de conhecimentos com que as crianças têm contacto. Hoje em dia há todo um vasto leque de hipóteses que o aluno tem à sua disposição no que diz respeito ao fornecimento de informação, perdendo, desta forma, o professor o prestigiado lugar de principiante na transmissão de conhecimentos à criança. Por isso mesmo, o docente deve adotar, aqui, um papel de mediador da informação que o aluno recolhe para além das aulas, através da internet, televisão etc., levando-o a obter sentido crítico, apreciativo e avaliador daquilo que lê, sabendo distinguir documentos em que a verdade não assenta de todo, e outros, em que se pode tirar uma conclusão óbvia acerca dos temas em pesquisa.

## **7. O papel do professor face ao manual escolar**

Todos os anos, os professores deparam-se com o mesmo problema: avaliação de manuais escolares, pois o manual escolhido será o documento mais lido pelos alunos ao longo do ano letivo. Durante o mesmo ano letivo, o professor deverá refletir e avaliar o manual para que saiba se serão necessários outros processos/estratégias de ensino-aprendizagem para remediação ou enriquecimento do aluno; continuamente, e no final do ano letivo, o desempenho do mesmo é avaliado como forma de saber se este transita de ano ou não. Sob este encadeamento de processos o manual estará sempre presente, pesando constantemente os saberes dos alunos (Castro et al, 1999).

Importa referir que, no que concerne à análise dos manuais escolares, o ME, através da Direção Geral do Ensino Básico e Secundário, do Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional e da Direção Geral de Extensão Educativa,

estabelece comissões, compostas por especialistas, sem interesses diretos nas editoras, para uma avaliação da qualidade dos manuais escolares. A legislação possibilita, também, a oportunidade de as editoras poderem inserir na capa ou contracapa do livro a indicação do resultado da análise, bem como promover esse resultado na comunicação social. Tal legislação não se verifica na realidade (Castro et al, 1999).

Claramente, os professores devem valer-se de outros recursos didáticos que não o manual adotado, apontando o aperfeiçoamento dos conteúdos programáticos em consonância com os objetivos estabelecidos pelo CN. Na verdade, todos os dias as reprografias das escolas transbordam de trabalho, reproduzindo informação complementar, a pedido dos docentes, de outros manuais escolares para fornecer os alunos.

*“O manual escolar não pode ser utilizado como único recurso, único guia da prática letiva, único transmissor de conhecimentos e promotor de capacidades, atitudes e valores”* (Castro et al, 1999, p. 144).

O manual escolar é um meio de comunicação através do qual o aluno recebe a mensagem escolar. Sendo que para haver o envio de uma mensagem são precisos um emissor e um recetor, logo o emissor, neste caso é o professor, o manual escolar constitui o conteúdo transmitido e o recetor é o aluno. Desta forma, o livro escolar será o veículo de comunicação que o autor do manual estabelece com o professor, levando este a usar as suas palavras, suposições, afirmações, conhecimentos, etc. como seus, assumindo assim o papel principal no envio da mensagem. Contudo, este percurso pode ser mal interpretado, se considerarmos que o professor adota por completo as mesmas linhas de pensamento que o autor do manual, não

demonstrando sentido crítico, ou, por outro lado, não esteja de acordo com o mesmo e rejeitar-se a trabalhar com o mesmo (Castro et al, 1999).

Muitas das apreciações de caráter negativo feitas aos manuais apontam para erros do ponto de vista científico, falhas na transmissão de conteúdos específicos tais como a linguagem não adequada ao nível etário em que os alunos se encontram, utilizando vocabulário desapropriado; a não contemplação de objetivos a alcançar; o excessivo aprofundamento de apenas determinados temas, e valorização de outros assuntos menos importantes. Por isso mesmo, qualquer documento escrito deve ser sempre, antes de posto ao dispor do público, revisto pela crítica em geral, pois um texto, assim como qualquer documento escrito, é algo a que o aluno irá recorrer constantemente, porque é perecível, estará sempre ali para ser lido e relido pelo aluno (Castro et al, 1999).

Deste modo, verifica-se que o manual escolar é detentor de grande importância e um excelente instrumento de trabalho para os professores, influenciando a organização do programa, e servindo como auxílio na preparação de aulas, tanto pelos professores como pelos próprios alunos, tendo estes a oportunidade de, em casa, adiantarem alguns saberes, chegando a ser de grande utilidade, também, pelos encarregados de educação (Carvalho & Fadigas, in Rego et al., 2010).

## **8. A evolução do processo de acreditação e avaliação de manuais escolares**

Tem-se verificado uma descentralização no que respeita à avaliação de manuais escolares, apesar de ter sido objeto de análise por parte de inúmeros intervenientes, como são exemplo políticos, educadores, pais, etc., em campos distintos, (administrativo, pedagógico, científico). O grande problema continua a residir na sua avaliação e certificação, sobre o qual Portugal se encontra a

desenvolver um sistema de certificação de manuais pela primeira vez e não se demonstra paralelo ao que se verifica nos outros países (Rego, et al., 2010).

De acordo com um estudo promovido pelo Observatório de Recursos Educativos (Carvalho & Fadigas, in Rego et al. 2010), num universo de nove países do espaço europeu, somente Portugal manifesta um sistema de certificação prévio de manuais escolares. A Noruega e a Espanha diferiram os processos de certificação nos anos 90 e 80 do século XX, respetivamente, e outros países, como o Reino Unido ou a França, nunca incrementaram sistemas de certificação.

Quebeque e Portugal representam uma das poucas exceções em relação à avaliação e certificação dos manuais escolares sob a orientação do ministério. No Quebeque, a implementação de entidades certificadores de avaliação de manuais escolares teve o seu início nos anos oitenta e ainda hoje se encontra em vigor (Lebrun, Lenoir & Desjardins, in Rego et al. 2010). O processo compreende dois tipos de avaliação: uma pedagógica e outra extra-pedagógica. A primeira é executada por docentes e guias pedagógicos. A segunda fica ao encargo de um gabinete do Ministério da Educação.

As duas avaliações basearam-se num agregado de critérios e grelhas admitidas e publicadas pelo ministério até ao ano de 2001. A partir daqui foram publicados novos critérios que constam num documento denominado “*Évaluation des aspects pédagogiques du matériel didactique*”, fonte do Ministério de Educação do Quebeque, composto por quatro critérios: processo de aprendizagem, conformidade com o programa, avaliação das aprendizagens, conformidade com aspetos pedagógicos. No entanto, existe o obstáculo dos manuais serem apenas avaliados segundo uma perspetiva construtivista.

Em alguns Estados dos EUA, o sistema de avaliação e acreditação de manuais escolares tem um departamento de coordenação para o efeito, como é caso do Estado da Carolina do Norte, onde os manuais são avaliados e acreditados pelo

*Department of Public Instruction - Public schools of North Carolina*, composto por uma comissão de professores dos diferentes níveis de ensino e por representantes de Estado. As editoras são convidadas a submeter manuais para acreditação e avaliação, correspondendo aos critérios definidos (Rego, et al., 2010).

A importância da acreditação e avaliação de manuais escolares tem gerado o desenvolvimento de vários projetos sobre este assunto. Caso disso é um projeto desenvolvido na Eslovénia, que apresenta como principal objetivo alvitar uma nova política de promoção de manuais escolares de melhor qualidade e mais eficiente, tendo como intervenientes entidades governamentais, editores, especialistas e alunos. Sendo igualmente proposto um conjunto de ações para a criação de uma comissão de aprovação de manuais escolares. Posteriormente, o projeto desenvolveu um conjunto de itens de avaliação para definir um sistema de avaliação, que se estreou em 2006. Assim se constituiu um sistema de seis categorias-chave, tendo por base as necessidades sociais, objetivos educacionais e teorias de aprendizagem atuais, as quais orientaram um processo de avaliação de manuais escolares tendo como ponto de partida: a conformidade com as orientações pedagógicas; o desenvolvimento pessoal; a seleção de conteúdo; a correção social; a abordagem metodológica e, o aspeto visual (Nogova & Huttova, in Rego et al., 2010).

Ao longo dos últimos 20 anos, em Portugal, foram definidas diferentes linhas estruturadoras no que concerne à acreditação e avaliação de manuais escolares, culminando em cinco princípios orientadores: os manuais devem ser avaliados regularmente; a adoção de manuais é da responsabilidade dos órgãos de docentes; deve ser garantida a igualdade de oportunidade de adquirir o manual a todos os alunos; devem poder ser usados outros recursos didáticos; e, os manuais escolares devem constituir recursos de formação e auto-formação dos professores (Rego et al., 2010).

A lei n.º 47/2006, de 28 de agosto, veio definir um regime de avaliação, certificação e adoção de manuais escolares, a par de princípios e objetivos que o apoio sócio-educativo deve possuir, garantindo a aquisição e empréstimo de manuais escolares. Esta lei foi regimentada pelo Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de julho, em que consta um regulamento que a acreditação de entidades avaliadoras e certificadoras de manuais escolares devem obedecer, assim como os procedimentos de avaliação e certificação por elas realizado. No Despacho n.º 29864/2007, de 30 de novembro, (Diário da República, 2.ª série, n.º 249, de 27 de dezembro) é exposto um anexo com a individualização dos critérios de avaliação para certificação. Ficou, portanto, instituído um regime de avaliação, certificação e adoção de manuais escolares, aplicado a partir do ano letivo de 2008/2009 (Idem, 2010).

Os manuais escolares obedecem a uma observação e certificação prévias, elaborada por entidades acreditadas compostas por equipas científico-pedagógicas juntamente com docentes e investigadores do ensino superior, docentes em exercício do nível de ensino em questão (Idem, 2010).

Podem avaliar e certificar manuais escolares, as entidades acreditadas que acatem os requisitos enunciados no n.º 1 do artigo 8.º do Decreto-lei n.º 261/2007, de 17 de julho, e no Despacho n.º 29864/2007, de 30 de novembro, as quais *“exerçam o essencial da sua atividade nas áreas científica e pedagógica”*; *“disponham de currículo científico e pedagógico relevante”*; *“disponham de, ou constituam especialmente para o efeito, equipas científico-pedagógicas qualificadas (...)”*; *“não sejam, as entidades e os seus peritos, autores de manuais escolares nem detenham interesses em empresas editoras ou outras ligadas à produção de manuais escolares ou de outros recursos didático-pedagógicos”*; e *“estejam regularmente constituídas nos termos da lei”* (in Rego et al., 2010, pág. 9).

As entidades acreditadas devem proceder à avaliação e certificação de manuais em colaboração com as editoras dos livros adotados, a fim de garantir a qualidade científica e pedagógica, com o intuito de assegurar que são instrumentos de apoio educativo adequados ao processo de ensino-aprendizagem e à promoção do sucesso educativo. Esta cooperação pode ser efetuada tendo em conta aspetos técnicos, científicos, pedagógicos e didáticos dos projetos de manuais escolares por peritos das instituições acreditadas para a avaliação.

Em Portugal, o processo de certificação de manuais escolares, correspondendo ao art.º 2.º da Lei n.º 47/2006 assenta em quatro premissas diretivas: *“Liberdade e autonomia científica e pedagógica na conceção e na elaboração dos manuais escolares; “Liberdade e autonomia dos agentes educativos, mormente os docentes, na escolha e na utilização dos manuais escolares no contexto do projeto educativo da escola ou do agrupamento de escolas”; “Liberdade de mercado e de concorrência na produção, edição e distribuição de manuais escolares e sua conformidade com os objetivos e conteúdos do currículo nacional e dos programas e orientações curriculares”; e “Equidade e igualdade de oportunidades no acesso aos recursos didáctico-pedagógicos”* (in Rego et al., 2010, pág. 9).

Consequentemente, qualquer autor, editor ou instituição legalmente habilitadas podem-se candidatar com projetos de manuais escolares para a sua respetiva avaliação, desde que tenham sido desenvolvidos para o nível de ensino a que se destinam, possuam rigor científico, linguístico e concetual; adequação ao desenvolvimento das competências exigidas pelo CNEB; concordância com os programas ou orientações curriculares; carácter pedagógico e didático; valores (não fazer publicidade, não exortar discriminações, não estabelecer meio de propaganda ideológica, política ou religiosa) e, oportunidade de reutilização e conformidade ao período de vigência conjeturado (Rego, et al., 2010).

A ESEV foi acreditada como EACME dos 1º e 2º ciclos do EB (exetuando Ciências da Natureza), como nos indica a Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto, do Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de julho e do Despacho n.º 29 864/2007, de 30 de novembro, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 249, de 27 de dezembro.

O reconhecimento da importância da avaliação de recursos educativos tem sustentado o desenvolvimento de projetos neste domínio, numa relação mais ou menos estreita com os departamentos governamentais responsáveis pela política educativa de cada país.

Os manuais são avaliados por especialistas recomendados pela comissão de avaliação. Todo o processo enfatiza a adequação dos manuais aos currículos e a articulação com os alunos e com os professores, ou seja, com os seus utilizadores finais.

Uma das grandes responsabilidades na produção de manuais passa pela acreditação de entidades avaliadoras e certificadoras, garantindo a realização de um trabalho que tenda assegurar a qualidade científica e pedagógica desses recursos, a sua conformidade com o CNEB e, programas orientados curriculares em vigor. Sem esquecer, que constituam um recurso adequado ao auxílio no processo de ensino-aprendizagem, assim como à produção do sucesso educativo (Rego et al., 2010).

É, portanto, importante efetuar uma apreciação sobre as virtualidades deste regime, embora não existam muitos elementos disponíveis para análise. No entanto, deve-se ir registando os diferentes dados que vão sendo calculados para a preparação de um sistema fundamentado implementado, os quais devem envolver autores, editores, investigadores, professores, alunos, encarregados de educação e entidades avaliadoras e certificadoras. Pretende-se com isto desenvolver uma massa crítica em relação aos vários aspetos da produção de manuais escolares sendo o mais amplo possível (Idem 2010).

## **9. Enquadramento do processo de apreciação, seleção e adoção de manuais escolares**

A avaliação, certificação e adoção de manuais escolares é definida tendo em conta a Lei nº47/2006, de 28 de agosto, pelo Decreto – Lei nº261/2007, de 17 de julho e ainda, pela Portaria nº1628/2007, de 28 de dezembro.

A adoção de manuais escolares consiste no resultado pelo qual o agrupamento avalia a adequação dos manuais tendo em conta o respetivo nível de ensino a que o manual se destina, obedecendo aos art.º 16º da Lei nº47/2006, de 28 de agosto e, art.º 8º da Portaria nº1628/2007, de 28 de dezembro.

O processo de adoção de manuais escolares pelas escolas e respetivos agrupamentos é da responsabilidade da coordenação de orientação educativa, as quais se devem fundamentar em grelhas de apreciação<sup>1</sup> elaboradas para esse fim pelo ME, respeitando o calendário precedentemente estabelecido pelo Despacho nº229865/2007, de 30 de novembro, alterado pelos Despachos nº15285-A/2010, de 7 de outubro e, Despacho nº95-A/2013, de 28 de dezembro, com publicação a 3 de janeiro.

Todas as escolas são obrigadas a preencher uma “Base de Dados”, disponibilizada no site do ME/DGE. Este documento permite a recolha de informação online, no que diz respeito ao processo de apreciação, seleção e adoção de manuais escolares. Desta forma torna-se possível conhecer os manuais escolares apreciados, selecionados e adotados em todas as áreas curriculares, por cada instituição. Permite, ainda, obter uma estimativa do número de alunos para que as editoras possam editar triagens de número exato dos respetivos manuais.

---

<sup>1</sup> Anexo 1 – Grelha de Apreciação de Manuais Escolares

## **10. Processo de acreditação de entidades avaliadoras**

O processo de acreditação consiste na validação técnica e reconhecimento de entidades na intervenção e certificação de manuais escolares. Posto isto, a acreditação reconhece as capacidades efetivas das entidades, fundamentado na avaliação da sua vocação, atividades, estrutura, competências e recursos, implementando e gerindo adequadamente o processo de avaliação e certificação de manuais escolares a que se candidata.

Para admissões de candidaturas a comissões de acreditação para avaliação de manuais escolares podem candidatar-se entidades públicas ou privadas que cumpram os requisitos impostos no ° 1 do artigo 8.º do Decreto - Lei n.º 261/2007, de 17 de julho, no Despacho n.º 29 864/2007, de 30 de novembro, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 249, de 27 de dezembro e no Regulamento de Acreditação de Entidades.

O processo de acreditação para as entidades de avaliação de manuais escolares é organizado por disciplina, por ano(s) de escolaridade e nível de ensino, em conformidade com o n.º 7 do artigo 9.º da Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto e do n.º 4 do artigo 8.º do Decreto - Lei n.º 261/2007, de 17 de julho.

As candidaturas devem ser efetuadas online através do site na internet <http://area.dgicd.min-edu.pt/acreditacao>; a validação da candidatura implica o envio de um termo de responsabilidade à DGICD dentro do prazo previsto para candidatura.

A apreciação das candidaturas à acreditação de entidades avaliadoras é composta por uma comissão de apreciação para o efeito, no âmbito da DGICD, que tenham exercido funções ou investigações nas áreas de educação, formação e certificação.

O regime de avaliação e certificação de manuais escolares tem como base um aglomerado de princípios orientadores, onde se destacam a qualidade científico-

pedagógica e a sua conformidade com os objetivos e conteúdos respeitantes ao currículo nacional e orientações curriculares. A avaliação e certificação serão produzidas por comissões constituídas por especialistas de elevada competência, conforme a Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto.

A Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto e o Decreto - Lei n.º 261/2007, de 17 de julho, antevêm a avaliação e a certificação dos manuais escolares, implicando a adoção de metodologias que possibilitem operacionalizar e realizar, em tempo proveitoso, o conjunto de ações no sistema de avaliação e certificação de manuais escolares.

Até que todos os manuais escolares adotados tenham sido avaliados e certificados, em conformidade com artigo 34.º da Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto, pode o ME, estabelecer a avaliação dos manuais escolares já adotados. No entanto, esta disposição foi retirada pelo artigo 16.º do Decreto - Lei n.º 261/2007, de 17 de julho.

Deste modo, o Despacho n.º 415/2008, de 4 de janeiro, publicado no Diário da República, fixou as condições do regime de avaliação e certificação dos manuais escolares, desde o ano letivo de 2008/2009.

#### **Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto**

Descreve o regime de avaliação, certificação e adoção ajustável aos manuais escolares e outros recursos didático-pedagógicos do ensino básico e do ensino secundário, assim como os princípios e objetivos a que o apoio sócio-educativo deve obedecer quanto à obtenção e empréstimo de manuais escolares.

#### **Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de julho**

Regimenta a Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto, que esclarece o regime de avaliação, certificação e adoção aplicável aos manuais escolares e outros recursos

didático-pedagógicos do ensino básico e do ensino secundário, assim como os princípios e objetivos a que o apoio sócio-educativo deve obedecer quanto à obtenção e ao empréstimo de manuais escolares.

**Portaria n.º 792/2007, de 23 de julho**

Define o regulamento de preços acordados da venda de manuais escolares e outros recursos didático-pedagógicos dos ensinos básico e secundário.

**Despacho n.º 29 864/2007, de 27 de dezembro**

Regimenta os procedimentos de acreditação para avaliação dos manuais escolares e de avaliação para certificação.

**Despacho n.º 29 865/2007, de 27 de dezembro**

Aprova o calendário das adoções de manuais escolares, a partir do ano letivo de 2008/2009.

**Portaria n.º 1628/2007, de 28 de dezembro**

Explica os conceitos e os procedimentos para a adoção e divulgação da adoção dos manuais escolares a seguir pelos agrupamentos de escolas e pelas escolas não agrupadas.

**Despacho n.º 415/2008, de 4 de janeiro**

Fixa as condições de entrada em vigor do regime de avaliação e certificação dos manuais escolares a partir do ano letivo de 2008/2009.

**Portaria n.º 42/2008, de 11 de janeiro**

Define as disciplinas e as áreas curriculares em que não existe adoção de manuais escolares ou em que esta é facultativa.

**Despacho n.º 3 063/2008, de 7 de fevereiro**

Aperfeiçoa o Despacho n.º 29.865/2007, de 30 de novembro, que aprova o calendário das adoções de manuais escolares a partir do ano letivo de 2008/2009.

**Despacho n.º 16497/2009. D.R. n.º 139, Série II de 2009-07-21**

Ministérios das Finanças e da Administração Pública e da Educação determinam os termos de fixação e o montante da remuneração a atribuir aos membros das comissões de avaliação dos manuais escolares a que se refere o artigo 9.º da Lei n.º 47/4006, de 28 de agosto.

**Despacho n.º 22025/2009, de 2 de outubro**

Reforma o despacho n.º 415/2008, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 3, de 4 de janeiro de 2008.



## **CAPÍTULO II – INVESTIGAÇÃO – AÇÃO**

## **A - DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

A questão fulcral do meu trabalho de investigação baseia-se na problemática da análise de manuais escolares de português, com o intuito de verificar se os professores se encontram devidamente informados sobre o processo de análise de um manual escolar e, também das expectativas dos alunos em relação ao manual de português.

Para tal, procedi à análise de diferentes manuais escolares de diferentes editoras, com vista a adquirir uma opinião formal em relação ao tema; seguidamente distribuí questionários a professores<sup>2</sup> e alunos<sup>3</sup> do 6º ano de escolaridade de modo a obter uma conclusão final.

Objetivos que se pretende alcançar com esta investigação:

- identificar a importância do manual escolar;
- estabelecer metodologias adequadas no uso do manual escolar;
- reconhecer a importância da análise e avaliação de manuais escolares;
- perceber quais as expectativas dos alunos em relação ao manual escolar;
- reconhecer, na perspetiva do professor, as melhores técnicas de ensino-aprendizagem face ao manual escolar.

---

<sup>2</sup> Anexo 2 – Inquérito aos professores

<sup>3</sup> Anexo 3 – Inquérito aos alunos

## **1. Metodologia**

### **1.1 Objeto de Estudo**

Esta investigação tem como objeto de estudo a análise de seis manuais escolares da disciplina de Língua Portuguesa do 6º ano do ensino básico, analisados consoante a grelha de análise exposta pelo ME. Como tal, foram escolhidos seis manuais adotados em alguns agrupamentos de escolas do 2º ciclo em Coimbra. Os manuais serão apelidados de A, B, C, D, E e F, como tal procederei à sua descrição e análise e, posteriormente, à apresentação de resultados sob a forma de tabelas e gráficos.

### **1.2 Descrição dos manuais**

#### **1.2.1 Manual A**

O manual A tem sete unidades, sendo a última um guia gramatical, obedece a um rigor de itens por texto, em que o aluno antes de ler encontra uma informação de preparação para o texto que vai ler, logo depois tem a oficina da escrita e da gramática que são a interpretação e a gramática respetivamente e, no final de cada unidade a autoavaliação com propostas de resolução no final do livro.

O manual é organizado e conciso, motivador, suscitando à aprendizagem por autonomia, colocando o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem, constituindo um excelente recurso para o professor e para o aluno.

Tendo em conta a perspetiva do aluno é um livro bem estruturado, com um tipo de organização diferente, levando-o a ser o mentor do próprio saber. Concentra-se apenas na aprendizagem tradicional, respeitando o currículo nacional com uma estrutura muito própria, não se verifica uma divisão das unidades em função do tipo de texto, pois os mesmos encontram-se baralhados levando o aluno a questionar-se sobre o tipo de texto que está a ler, assim como o nome das unidades que funcionam por nomes abstratos (diversidade, arte, amor, ciência, direitos,

viagens e aventuras), ou seja, funcionam por temas aglutinadores aos textos tratados nas unidades, sendo o título da unidade o título do texto com maior destaque da mesma. Para terminar, o livro apresenta uma unidade dedicada à gramática apelidada de “Caixa de ferramentas” o que não causa no aluno sentimentos adversos, pois o que temem mais é a gramática. Por outro lado, leva o aluno a concluir, por um título mais agradável, que ali encontramos ferramentas essenciais ao longo do ano.

**Anexos:**

- livro de atividades;
- CD áudio e Guião;
- CD-ROM – recursos digitais;
- dossier do professor: planificações, avaliações, planos de aula, materiais didáticos, grelha de verificação de textos.

### **1.2.2 Manual B**

Este manual encontra-se bem estruturado, contudo baralha os tipos de texto conforme o género. Inicialmente, refere-se a textos narrativos, passando para os informais, e de seguida volta ao texto narrativo, o que pode contribuir para a falta de interesse no estudo. É composto por sete sequências e no final um anexo gramatical muito atrativo. Ao longo do livro os autores fazem referência ao anexo gramatical indicando a página a consultar, no mesmo sentido encontramos o “FIXA” que resume os conteúdos mais importantes a fixar (tal como as próprias iniciais indicam). Em algumas páginas é demasiadamente infantil usando cores em abundância, no entanto não perde o seu carácter comunicativo, estimulando a expressão oral. Contrariamente verifica-se uma perda desse item; orienta-se segundo o PNL; estimula a aquisição de novo vocabulário e, possui uma autoavaliação para cada unidade com propostas de resolução; não se verifica uma

atribuição de valor ao texto poético, embora demonstre uma grande diversidade do mesmo, o mesmo acontece com o texto dramático.

**Anexos:**

- livro de atividades;
- dossier do professor: planificações, avaliação, materiais de apoio didático.

### **1.2.3 Manual C**

O manual C apresenta-se bem estruturado, embora por vezes um pouco confuso, pois as próprias unidades são subdivididas em sequências, dado nalguns casos parece que já se iniciou outra unidade, mas é apenas uma nova sequência. Os seus títulos são muito sugestivos tendo por base o tipo de textos que serão analisados naquela unidade; segue os princípios orientadores do PNL, estabelecendo etapas a ultrapassar pelo aluno, (etapa 1: leitura; etapa 2: compreensão oral; etapa 3: expressão oral; etapa 4: escrita; etapa 5: CEL), encorajando, desta forma, um estudo mais autónomo; apresenta ilustrações demasiadamente infantis e coloridas para a faixa etária em questão. No final do livro encontramos um guia gramatical, mas com pouca dinamização, acabando por parecer um pouco esquecido, não motivando o aluno para a sua utilização. No entanto, ao longo do manual, sempre que é lecionado um novo conteúdo gramatical, os autores conduzem o aluno à página do guia no qual devem ler e aprofundar os conhecimentos.

**Anexos:**

- guia do professor;
- livro de textos;
- caderno de atividades.

### 1.2.4 Manual D

Seguidamente, o manual D possui uma boa apresentação e estrutura, sendo uma excelente ferramenta pedagógica interdinâmica com outras formas de conhecimento, como por exemplo meios audiovisuais, internet, CD-ROM, etc.. É composto por sete unidades e, em todos os textos verifica-se uma linha orientadora do estudo do aluno obedecendo a algumas etapas: “antes de ler”; “leio o texto”; “falo”; “ouço”; “escrevo” e, por fim, “gramática”.

Para cada texto estão direcionados vários itens que permitem, ao aluno, uma exploração mais pormenorizada de cada texto, incentivando-o a procurar fichas de leitura, sites relacionados com o tema e, simultaneamente, assuntos gramaticais. Com efeito, o manual em questão usa cores atrativas, não em demasia e estabelece a relação com o útil e o fundamental, com uma estrutura textual adequada à faixa etária.

O presente manual caracteriza-se por ser um livro não muito extenso para crianças do 2º ciclo, apela muito à autonomia das crianças, no entanto convém dar um incentivo, no sentido de orientar a mesma no manejo do manual, pois este livro obedece a uma linha orientadora de aprendizagem, para a qual seria necessária uma pré-abordagem com os alunos.

Resumidamente, é um manual conciso, coerente e dinâmico, como que falando com o aluno, importa por isso que o aluno entenda essa mensagem.

#### **Anexos:**

- caderno de atividades;
- guiões de leitura;
- CD-Áudio.

### 1.2.5 Manual E

O presente manual revela-se mal estruturado e não muito coerente, contudo é portador de uma grande diversidade de exercícios. Tratando-se de um manual confuso, não respeita um ritmo de aprendizagem contínuo, tornando-se monótono. Contrariamente, propõe atividades interdisciplinares, por exemplo com a área curricular de EVT.

Este manual orienta-se através de quadros temáticos intitulados: “fixa”, “conclui”, “recorda”, porém não obedece a uma ordem lógica. No final de cada unidade possui uma autoavaliação para os conteúdos abordados, indicando também em cada conteúdo as páginas a consultar. Em cada ficha de leitura direciona o aluno para um compêndio de gramática, existente no final do livro.

O manual divide-se em oito unidades incorretamente organizadas, dado que a unidade destinada às revisões encontra-se no final da unidade sobre biografia e auto-biografia.

Com o intuito de conquistar a atenção do aluno apresenta alguns pontos estratégicos, como por exemplo: recomenda a visualização de algumas reportagens na TV; explora a interdisciplinaridade com a matemática, o que leva o aluno a verificar outras maneiras de interpretar textos; enriquece da área vocabular do aluno; atribui um especial destaque ao texto narrativo, uma vez que é distribuído por cinco unidades, o que de certa forma pode contribuir para uma desvalorização do texto poético e dramático; apela à imaginação do aluno.

Este livro foi feito especialmente para o professor, como auxílio no seu trabalho, pois para os alunos não é muito motivador em termos estruturais, excetuando a variedade de exercícios. O facto de não apresentar uma ordem lógica pode originar no aluno menos curiosidade na sua exploração.

Em suma, é uma ferramenta excepcional para o professor, mas um quebra-cabeças para o aluno.

**Anexos:**

- guiões de leitura;
- caderno de atividades;
- caderno do professor;
- CD – recursos digitais do professor.

### **1.2.6 Manual F**

O manual F é detentor de uma excelente estruturação obedecendo a pontos estratégicos de compreensão de textos, designadamente: “antes de ler”; “para compreender”; para conhecer a língua”; “para escrever “. De igual modo, orienta a sua aprendizagem, no sentido autónomo, tendo em conta as necessidades dos alunos, simultaneamente possui oficinas de escrita e da oralidade atribuindo especial destaque à última. Paralelamente, oferece ao aluno informações adicionais, como é o caso de notas informativas que se encontram ao longo do manual sobre os autores de cada texto, proporcionando-lhes mais conhecimentos enriquecedores na sua cultura geral.

Quanto ao nível didático o manual divide-se em cinco unidades, possuindo fichas formativas muito completas e elucidativas no final de cada unidade temática. As duas últimas unidades referem-se às efemeridades de cada mês e um guia gramatical intitulado “para saber mais” despertando no aluno a sua curiosidade.

No início o livro apresenta um pacto de leitura, que consiste numa ficha de leitura que os alunos vão lendo ao longo do ano, como tal apresenta-lhes uma linha de sugestões de obras, incluindo do PNL.

**Anexos:**

- guia do professor;
- guiões de leitura;
- caderno de atividades;

- livro do professor;
- CD – Áudio – recursos digitais do professor;
- registo vídeo e áudio;
- PowerPoint's didáticos;
- planos de aula;
- matérias editáveis (formato digital);
- manual online.

## 2. Análise de Manuais

Ao longo deste ponto os manuais serão avaliados segundo os critérios seguintes:

- I - Insuficiente;
- S – Suficiente;
- B – Bom;
- MB - Muito Bom.

### 2.1 Manual A

**Tabela 1 – Avaliação Manual A**

Critérios de Apreciação/planos de análise				
	I	S	B	MB
<b>Organização e método</b>				
1- Apresenta uma organização coerente e funcional, estruturada na perspetiva do aluno				X
2- Desenvolve uma metodologia facilitadora e enriquecedora das aprendizagens				X
3- Estimula a autonomia e a criatividade				X

4- Motiva para o saber e estimula o recurso a outras fontes de conhecimento e a outros materiais didáticos			X	
5- Permite percursos pedagógicos diversificados			X	
6- Contempla sugestões de experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente de atividades de carácter prático/experimental.				X
7- Propõe atividades adequadas ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares		X		
<b>Informação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Adequa-se ao desenvolvimento das competências definidas no Currículo do respetivo ano e/ou nível de escolaridade			X	
2- Responde aos objetivos e conteúdos do programa/orientações curriculares			X	
3- Fornece informação correta, atualizada, relevante e adequada aos alunos a que se destina				X
4- Explicita as aprendizagens essenciais				X
5- Promove a educação para a cidadania			X	
6- Não apresenta discriminações relativas a sexos, etnias, religiões, deficiências...		X		
<b>Comunicação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- A conceção e organização gráfica do manual facilitam a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem				X

2- Os textos são claros, rigorosos e adequados ao nível de ensino e à diversidade dos alunos a que se destinam				<b>X</b>
3- Os diferentes tipos de ilustrações são corretos, pertinentes e relacionam-se adequadamente com o texto.				<b>X</b>
<b>Características materiais</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização				<b>X</b>
2- O formato, as dimensões e o peso do manual (ou de cada um dos seus volumes) são adequados ao nível etário do aluno.		<b>X</b>		
3- Permite a reutilização			<b>X</b>	

## 2.2 Manual B

**Tabela 2 - Avaliação Manual B**

<b>Critérios de Apreciação/planos de análise</b>				
<b>Organização e método</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta uma organização coerente e funcional, estruturada na perspetiva do aluno			<b>X</b>	
2- Desenvolve uma metodologia facilitadora e enriquecedora das aprendizagens				<b>X</b>
3- Estimula a autonomia e a criatividade				<b>X</b>
4- Motiva para o saber e estimula o recurso a outras fontes de conhecimento e a outros materiais didáticos			<b>X</b>	
5- Permite percursos pedagógicos diversificados			<b>X</b>	

6- Contempla sugestões de experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente de atividades de carácter prático/experimental.			<b>X</b>	
7- Propõe atividades adequadas ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares		<b>X</b>		
<b>Informação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Adequa-se ao desenvolvimento das competências definidas no Currículo do respetivo ano e/ou nível de escolaridade			<b>X</b>	
2- Responde aos objetivos e conteúdos do programa/orientações curriculares			<b>X</b>	
3- Fornece informação correta, atualizada, relevante e adequada aos alunos a que se destina				<b>X</b>
4- Explicita as aprendizagens essenciais				<b>X</b>
5- Promove a educação para a cidadania		<b>X</b>		
6- Não apresenta discriminações relativas a sexos, etnias, religiões, deficiências...			<b>X</b>	
<b>Comunicação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- A conceção e organização gráfica do manual facilitam a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem				<b>X</b>
2- Os textos são claros, rigorosos e adequados ao nível de ensino e à diversidade dos alunos a que se destinam				<b>X</b>

3- Os diferentes tipos de ilustrações são corretos, pertinentes e relacionam-se adequadamente com o texto.			X		
<b>Características materiais</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>	
1- Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização					X
2- O formato, as dimensões e o peso do manual (ou de cada um dos seus volumes) são adequados ao nível etário do aluno.		X			
3- Permite a reutilização		X			

### 2.3 Manual C

**Tabela 3 - Avaliação Manual C**

<b>CrITÉrios de Apreciação/planos de análise</b>				
<b>Organização e método</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta uma organização coerente e funcional, estruturada na perspetiva do aluno			X	
2- Desenvolve uma metodologia facilitadora e enriquecedora das aprendizagens			X	
3- Estimula a autonomia e a criatividade				X
4- Motiva para o saber e estimula o recurso a outras fontes de conhecimento e a outros materiais didáticos				X
5- Permite percursos pedagógicos diversificados				X
6- Contempla sugestões de experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente de atividades de carácter prático/experimental.				X

7- Propõe atividades adequadas ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares		<b>X</b>		
<b>Informação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Adequa-se ao desenvolvimento das competências definidas no Currículo do respetivo ano e/ou nível de escolaridade				<b>X</b>
2- Responde aos objetivos e conteúdos do programa/orientações curriculares				<b>X</b>
3- Fornece informação correta, atualizada, relevante e adequada aos alunos a que se destina				<b>X</b>
4- Explicita as aprendizagens essenciais			<b>X</b>	
5- Promove a educação para a cidadania				<b>X</b>
6- Não apresenta discriminações relativas a sexos, etnias, religiões, deficiências...			<b>X</b>	
<b>Comunicação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- A conceção e organização gráfica do manual facilitam a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem				<b>X</b>
2- Os textos são claros, rigorosos e adequados ao nível de ensino e à diversidade dos alunos a que se destinam		<b>X</b>		
3- Os diferentes tipos de ilustrações são corretos, pertinentes e relacionam-se adequadamente com o texto.				<b>X</b>
<b>Características materiais</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>

1- Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização				<b>X</b>
2- O formato, as dimensões e o peso do manual (ou de cada um dos seus volumes) são adequados ao nível etário do aluno.		<b>X</b>		
3- Permite a reutilização		<b>X</b>		

## 2.4 Manual D

**Tabela 4 - Avaliação Manual D**

<b>Crítérios de Apreciação/planos de análise</b>				
<b>Organização e método</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta uma organização coerente e funcional, estruturada na perspetiva do aluno				<b>X</b>
2- Desenvolve uma metodologia facilitadora e enriquecedora das aprendizagens				<b>X</b>
3- Estimula a autonomia e a criatividade				<b>X</b>
4- Motiva para o saber e estimula o recurso a outras fontes de conhecimento e a outros materiais didáticos				<b>X</b>
5- Permite percursos pedagógicos diversificados				<b>X</b>
6- Contempla sugestões de experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente de atividades de carácter prático/experimental.			<b>X</b>	
7- Propõe atividades adequadas ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares			<b>X</b>	
<b>Informação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>

1- Adequa-se ao desenvolvimento das competências definidas no Currículo do respetivo ano e/ou nível de escolaridade				<b>X</b>
2- Responde aos objetivos e conteúdos do programa/orientações curriculares				<b>X</b>
3- Fornece informação correta, atualizada, relevante e adequada aos alunos a que se destina				<b>X</b>
4- Explicita as aprendizagens essenciais				<b>X</b>
5- Promove a educação para a cidadania			<b>X</b>	
6- Não apresenta discriminações relativas a sexos, etnias, religiões, deficiências...			<b>X</b>	
<b>Comunicação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- A conceção e organização gráfica do manual facilitam a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem			<b>X</b>	
2- Os textos são claros, rigorosos e adequados ao nível de ensino e à diversidade dos alunos a que se destinam				<b>X</b>
3- Os diferentes tipos de ilustrações são corretos, pertinentes e relacionam-se adequadamente com o texto.				<b>X</b>
<b>Características materiais</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização				<b>X</b>

2- O formato, as dimensões e o peso do manual (ou de cada um dos seus volumes) são adequados ao nível etário do aluno.		X		
3- Permite a reutilização				X

## 2.5 Manual E

**Tabela 5 - Avaliação Manual E**

<b>CrITÉrios de Apreciação/planos de análise</b>				
<b>Organização e método</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta uma organização coerente e funcional, estruturada na perspetiva do aluno		X		
2- Desenvolve uma metodologia facilitadora e enriquecedora das aprendizagens		X		
3- Estimula a autonomia e a criatividade		X		
4- Motiva para o saber e estimula o recurso a outras fontes de conhecimento e a outros materiais didáticos			X	
5- Permite percursos pedagógicos diversificados			X	
6- Contempla sugestões de experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente de atividades de carácter prático/experimental.			X	
7- Propõe atividades adequadas ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares				X
<b>Informação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>

1- Adequa-se ao desenvolvimento das competências definidas no Currículo do respetivo ano e/ou nível de escolaridade			<b>X</b>	
2- Responde aos objetivos e conteúdos do programa/orientações curriculares				<b>X</b>
3- Fornece informação correta, atualizada, relevante e adequada aos alunos a que se destina		<b>X</b>		
4- Explicita as aprendizagens essenciais		<b>X</b>		
5- Promove a educação para a cidadania		<b>X</b>		
6- Não apresenta discriminações relativas a sexos, etnias, religiões, deficiências...	<b>X</b>			
<b>Comunicação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- A conceção e organização gráfica do manual facilitam a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem		<b>X</b>		
2- Os textos são claros, rigorosos e adequados ao nível de ensino e à diversidade dos alunos a que se destinam			<b>X</b>	
3- Os diferentes tipos de ilustrações são corretos, pertinentes e relacionam-se adequadamente com o texto.				<b>X</b>
<b>Características materiais</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização				<b>X</b>

2- O formato, as dimensões e o peso do manual (ou de cada um dos seus volumes) são adequados ao nível etário do aluno.		X		
3- Permite a reutilização				X

## 2.6 Manual F

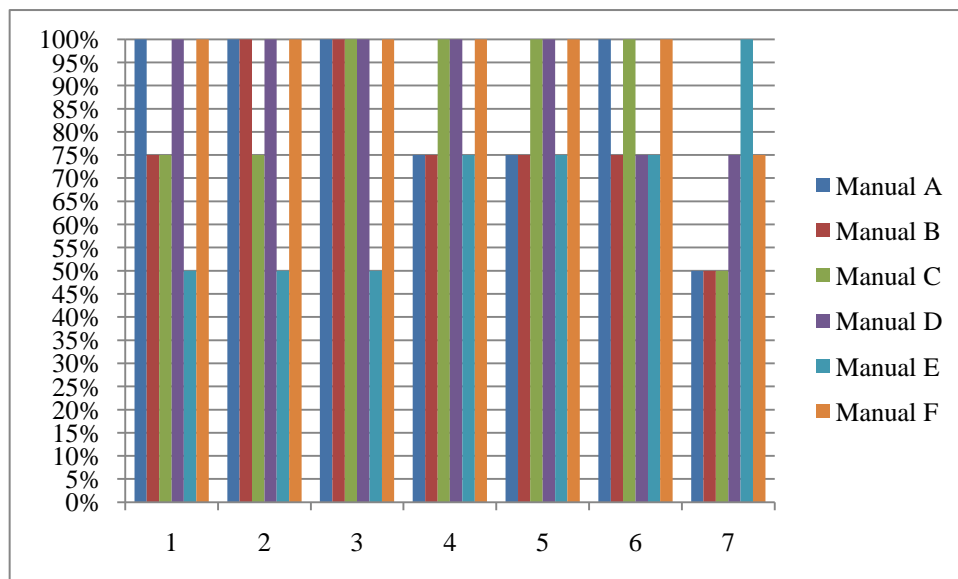
**Tabela 6 - Avaliação Manual F**

<b>CrITÉrios de Apreciação/planos de análise</b>				
<b>Organização e método</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta uma organização coerente e funcional, estruturada na perspetiva do aluno				X
2- Desenvolve uma metodologia facilitadora e enriquecedora das aprendizagens				X
3- Estimula a autonomia e a criatividade				X
4- Motiva para o saber e estimula o recurso a outras fontes de conhecimento e a outros materiais didáticos				X
5- Permite percursos pedagógicos diversificados				X
6- Contempla sugestões de experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente de atividades de carácter prático/experimental.				X
7- Propõe atividades adequadas ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares			X	
<b>Informação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Adequa-se ao desenvolvimento das competências definidas no Currículo do respetivo ano e/ou nível de escolaridade				X

2- Responde aos objetivos e conteúdos do programa/orientações curriculares				<b>X</b>
3- Fornece informação correta, atualizada, relevante e adequada aos alunos a que se destina				<b>X</b>
4- Explicita as aprendizagens essenciais				<b>X</b>
5- Promove a educação para a cidadania			<b>X</b>	
6- Não apresenta discriminações relativas a sexos, etnias, religiões, deficiências...				<b>X</b>
<b>Comunicação</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- A conceção e organização gráfica do manual facilitam a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem				<b>X</b>
2- Os textos são claros, rigorosos e adequados ao nível de ensino e à diversidade dos alunos a que se destinam				<b>X</b>
3- Os diferentes tipos de ilustrações são corretos, pertinentes e relacionam-se adequadamente com o texto.				<b>X</b>
<b>Características materiais</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização				<b>X</b>
2- O formato, as dimensões e o peso do manual (ou de cada um dos seus volumes) são adequados ao nível etário do aluno.		<b>X</b>		
3- Permite a reutilização		<b>X</b>		

### 3. Apresentação de Resultados

#### 3.1 Organização e Método



**Gráfico 1 – Classificação quanto à organização e método**

Relativamente ao critério 1, os manuais A, D e F exibem uma boa cotação obtendo 100%, ao passo que os manuais B, C e E se encontram relativamente abaixo, sendo que o manual E o que apresenta um valor mais medíocre, 50%, e os manuais B e C alcançaram os 75%.

No que toca ao critério 2 todos os manuais, à exceção dos manuais C e F, os quais obtiveram 75% e 50% respetivamente, apresentam uma excelente classificação de 100%.

O critério 3 demonstra uma boa escala em relação à totalidade do gráfico, pois todos os manuais obtiveram 100% excluindo o manual E que fica, tal como nos critérios anteriores, nos 50%.

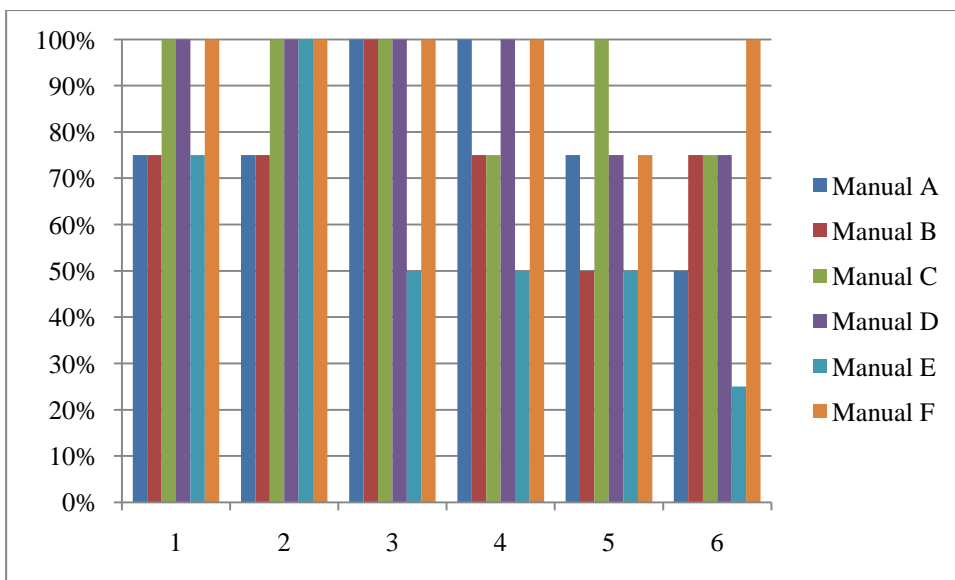
No critério 4 assiste-se a uma descida na classificação no que concerne aos manuais A e B que descem para os 75% encontrando-se com o manual E, ao passo que os manuais C, D e F mantêm a sua classificação nos 100%. Os mesmos resultados, podem verificar-se, sem exceção, perante a observação do critério 5.

Seguidamente, no critério 6, o manual A atinge novamente 100% na classificação e o manual D baixa para os 75%. Os restantes mantêm as percentagens do critério anterior.

Por último, no critério 7, verifica-se uma descida na cotação de todos os manuais, o A, B e C descem para 50%, o manual D nos 75%, o manual F desce para a mesma classificação que o manual D e, contrariamente aos critérios anteriores, o manual E apresenta 100% de cotação.

Podemos, então, concluir que, ao longo desta avaliação que todos os manuais apresentaram oscilações nas suas classificações, mas mantendo cotações elevadas, ao passo que o manual E vai progredindo na sua cotação, obtendo no final 100%.

### 3.2 Informação



**Gráfico 2 – Classificação quanto à informação**

Ao nível da informação, os manuais apresentam da mesma forma uma oscilação de cotações, como podemos verificar logo a partir do critério 1 em que os manuais A, B e E atingem os 75% e os C, D e F elevam-se até aos 100%.

Logo de seguida, no critério 2, apenas os manuais A e B mantêm a sua cotação, ao passo que os restantes manuais sobem para os 100%.

No critério 3, todos obtêm cotação máxima, à exceção do manual E que desce para os 50%.

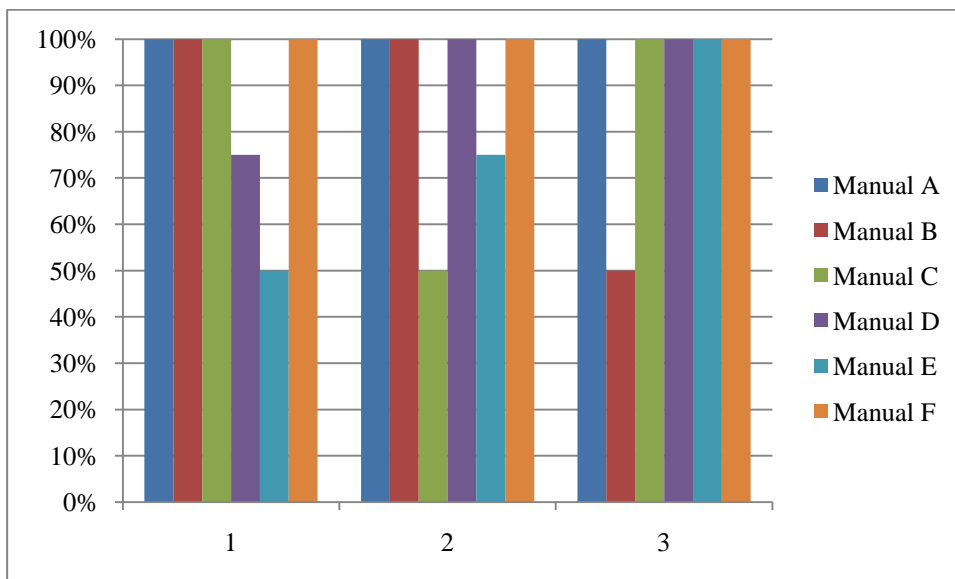
No critério 4, verifica-se uma descida da cotação para os manuais B, C, contrariamente aos restantes mantêm a classificação do critério anterior.

O critério 5 apresenta uma descida significativa das cotações, sendo o manual C o único a aumentar a sua cotação anterior de 75% para 100%. Os manuais A, D e F revelam uma descida de 25% da sua cotação anterior. Igualmente o manual B desce mas para 50%, e o manual E mantém.

Para terminar, no critério 6, o manual A desce para 50%, os manuais B, C e D obtêm 75%, o manual E apresenta uma cotação muito mais baixa que o esperado, atingindo apenas 25%, no entanto, o manual F é o único que atinge os 100%, não se desviando muito das suas classificações iniciais.

Concluindo, o manual E continua a revelar-se insuficiente em termos classificativos, enquanto os outros continuam a oscilar o seu valor, como por exemplo o B e o C que, se se demonstram totalmente eficazes no critério 2, já não serão capazes de responder do mesmo no critério 4. O mesmo se passa com os manuais A, em que chega no critério 3 ao 100% e, no entanto, no último critério não se revela muito útil.

### 3.3 Comunicação



**Gráfico 3 - Classificação quanto à comunicação**

No que respeita à comunicação, podemos verificar de antemão que, ao início, revelam boas classificações. Contudo, assiste-se a uma ligeira descida no critério 2 e, no último critério revelam-se todos úteis, excetuando o manual B.

Pormenorizadamente, no critério 1, os manuais A, B, C e F atingem a cotação máxima, contrariamente aos manuais D e E, que ficam pelos 75% e 50% respetivamente.

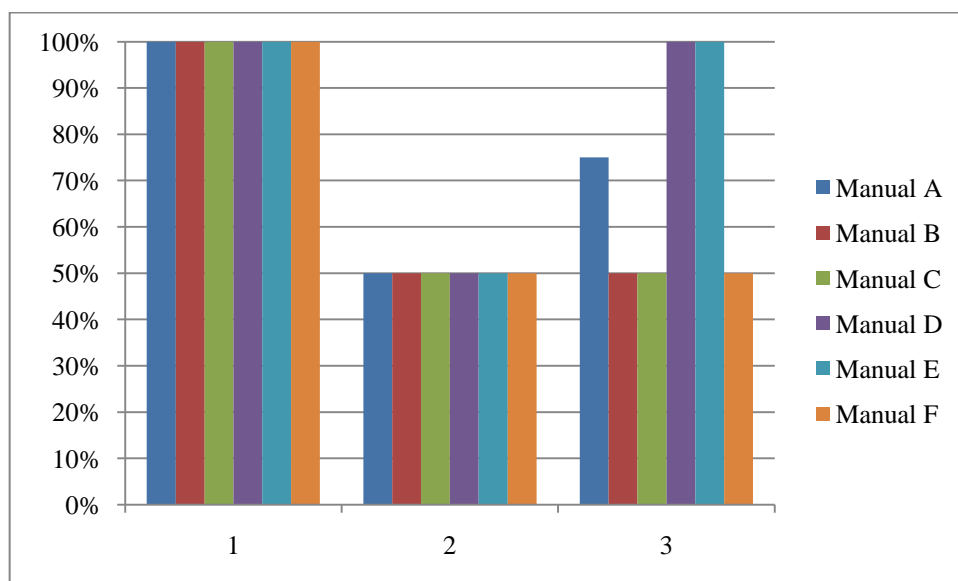
No critério 2, verifica-se, portanto, uma descida em relação ao manual C, atingindo apenas os 50%, e uma subida nos manuais D e E, que sobem para 100% e 75% respetivamente. Os restantes manuais mantêm a sua classificação.

Finalizando, no critério 3 todos os manuais atingem a classificação total, excetuando o manual B, ficando pelos 50%.

Perante esta análise podemos observar que os manuais B, C e E apresentam algumas oscilações neste campo, podendo não se revelar de muito interesse, já os restantes manuais cumprem os requisitos necessários relativamente à avaliação, não

podendo deixar de destacar o manual F que se tem vindo a evidenciar com as melhores cotações.

### 3.4 Características materiais



**Gráfico 4 - Classificação quanto às características materiais**

Para terminar, os últimos critérios a ser avaliados, tendo em conta as características materiais, os manuais apresentam oscilações muito idênticas. Mas, ao mesmo tempo, significativas, uma vez que se trata do peso do manual, da sua reutilização e qualidade material. No primeiro critério, todos os manuais obtêm cotação máxima e, no segundo, já obtêm apenas metade da cotação. No último critério, apenas os manuais D e E conseguem atingir o esperado, enquanto os restantes ficam pela metade, excluindo o manual A que ainda sobe até aos 75%.

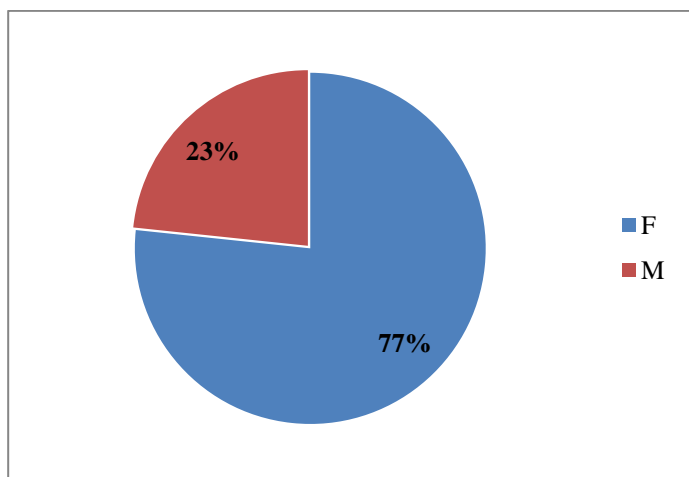
Tal como referi ao início, este gráfico é uniforme, pois trata-se de questões materiais, ou seja, aspeto físico dos manuais. Por isso mesmo, no critério 1 conseguiu-se obter facilmente 100%, mas no critério 2 já não, uma vez que tem a ver com o peso do manual, que não é convidativo. O último critério tem a ver com a reutilização.

#### 4. Apresentação de resultados dos inquéritos

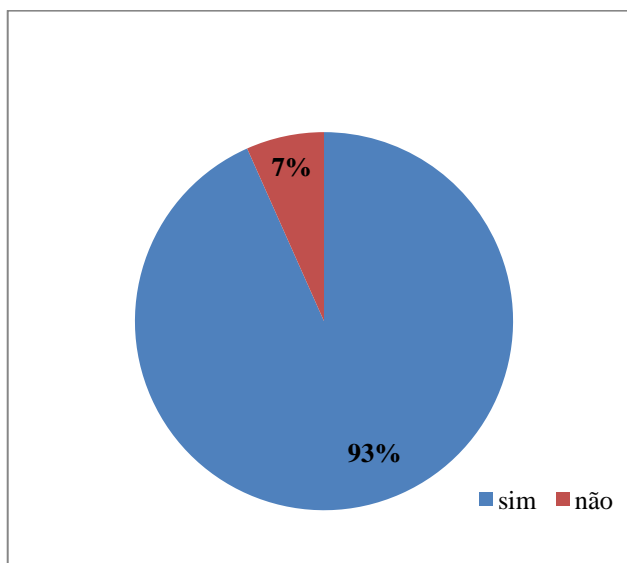
De acordo com o que foi anteriormente referido, procedeu-se à entrega de inquéritos a professores e alunos, com o intuito de perceber se os professores possuem conhecimentos suficientes em relação ao processo que implica a adoção e análise de um manual escolar e, no caso, dos alunos, se os manuais correspondem às suas expetativas no que concerne ao apoio ao estudo e apresentação geral do manual.

##### 4.1 Inquéritos aos professores

Dos professores inquiridos 23% eram do sexo masculino e 77% do sexo feminino.



**Gráfico 5 - Sexo**



**Gráfico 6 – Conhece os critérios de avaliação a ter em conta na avaliação de um manual?**

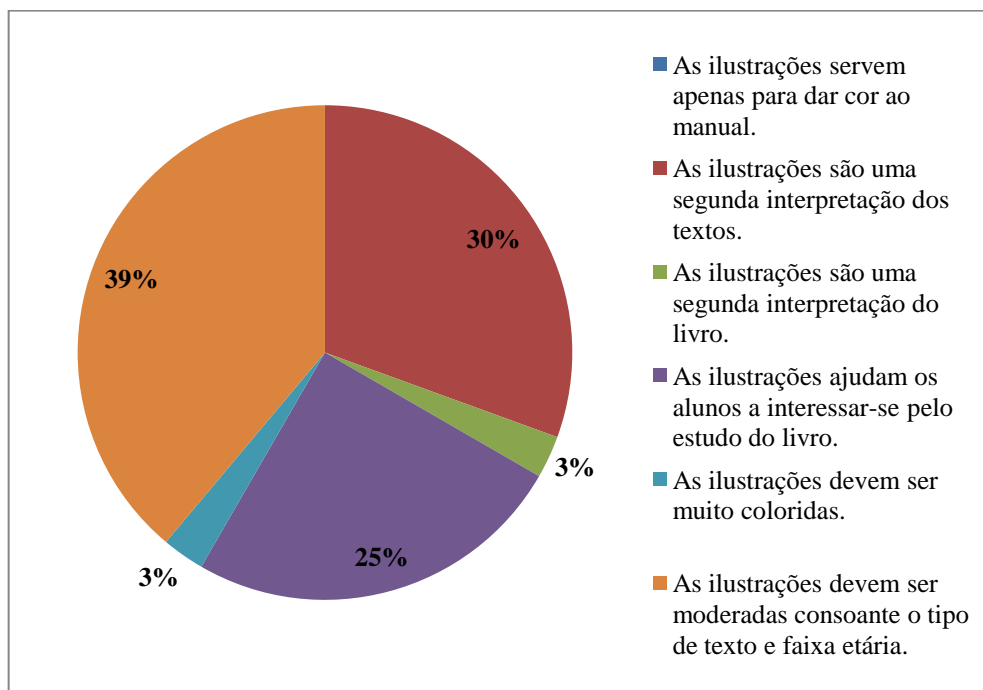
Perante a análise do gráfico pode-se verificar que a maioria dos professores inquiridos garante conhecer os critérios de avaliação na análise de manuais escolares.

**Tabela 7 – De entre os seguintes pontos, assinale os aspetos que julga serem os mais importantes na avaliação de um manual.**

Outro	1
Espessura e textura	2
Espaçamento entre linhas	3
Formatação de textos	6
Nível de informação adequada à faixa etária	7
Características materiais	10
Textos escolhidos pelos autores	13
Variedade linguística	15

Enriquecimento da área vocabular	18
Seleção de autores	18
Diversidade de atividades interdisciplinares	21
Método	22
Estar de acordo com o currículo nacional	23
Organização	29
Diversidade de exercícios	30

No que concerne o Decreto - Lei nº 261/2007 de 17 de julho e a Portaria nº 1628/2007, de 28 de dezembro, a avaliação e certificação de manuais tem como base um conjunto de critérios delimitados no site do ME, (Anexo1). Embora no gráfico anterior 93% dos inquiridos afirmasse conhecedor dos critérios de avaliação de manuais escolares. Nesta tabela pode-se constatar que 17%, na realidade, desconhece os principais critérios de avaliação de manual escolar.



**Gráfico 7 – De entre as afirmações escolha a que acha mais correta.**

De acordo com o gráfico, 39% dos inquiridos defende que as ilustrações devem ser moderadas consoante o tipo de texto e faixa etária, 31% sublinha que as ilustrações funcionam como uma segunda interpretação dos textos, 25% indica que as ilustrações são importantes para ajudar o aluno a interessar-se pelo estudo do livro. Os restantes 6% dividem-se entre as ilustrações como uma segunda interpretação do livro e servirem apenas para dar cor ao manual.

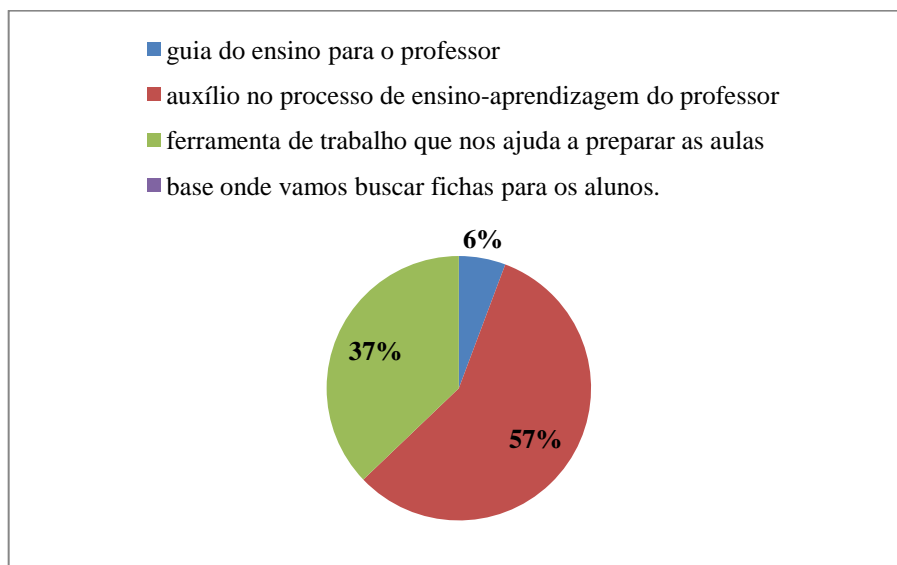
Segundo Woodward (in Farinha: 2007, p.21), “a inserção de ilustrações nos manuais escolares correspondem para os editores, a uma estratégia de promoção de vendas, e é, para os professores, um fator importante na seleção de manuais”.

Amador e Carneiro (citado por Farinha, 2007, p.22), “um dos principais problemas nesta área é a ausência de um quadro concetual, bem definido, que possa fundamentar uma análise das imagens e seus efeitos na aprendizagem”.

**Tabela 8 – Quais os aspetos que acha fundamentais na avaliação de um livro de Português?**

Outro	1
Autores do manual	2
Capa	2
Autores dos textos	4
Textos	8
Os anexos (livro de atividades, dossier do professor, etc.).	12
Ilustrações	13
Apresentação	14
Método de ensino aprendizagem.	18
A organização dos conteúdos presentes no currículo nacional.	20
Textos e autores dos textos	24

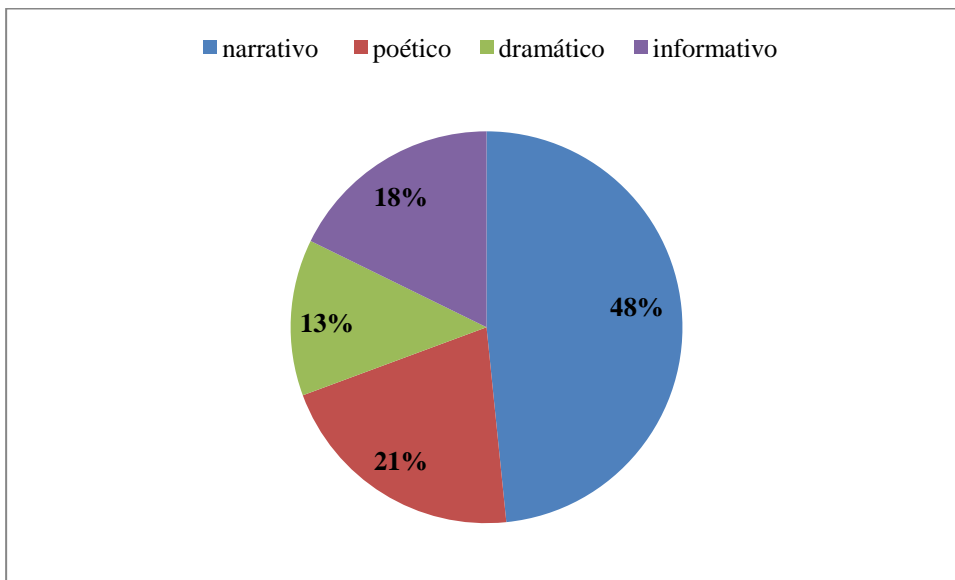
Nesta pergunta os professores tiveram liberdade para responder o que mais achavam conveniente em função da sua experiência. Como podemos observar, “os textos e autores dos textos” são um critério a ter em consideração na avaliação de um manual de língua portuguesa, bem como as ilustrações, o método de aprendizagem e a organização dos conteúdos consoante o CNEB.



**Gráfico 8 – Um manual é...**

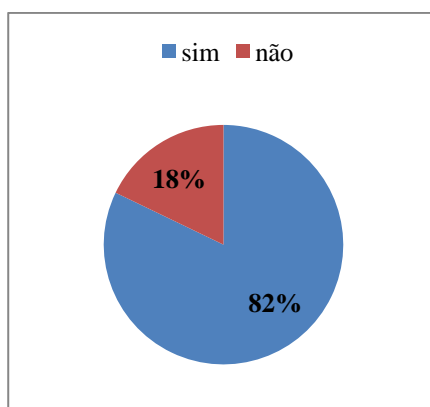
Aqui os resultados são bastantes visíveis, até porque quem melhor que o professor, que faz do manual a sua ferramenta diária, para lhe atribuir uma definição?

Segundo Farinha (2007), o manual escolar é encarado como um guia dos programas curriculares prescritos pelo ME para um funcionamento padronizado das aulas. Por isso mesmo, acaba muitas vezes por funcionar como um próprio programa da disciplina em causa, como uma base estável, a que o professor irá recorrer para preparar as suas atividades letivas.



**Gráfico 9 – Nas aulas valoriza mais que tipo de texto?**

O facto de ter verificado que a maioria dos manuais que analisei dava prioridade ao texto narrativo, justifica o resultado deste gráfico, o que também traduz um pouco os gostos do próprio professor. No entanto, temos presente que se devia atribuir igual valor a todos os tipos de textos. Contrariamente, os professores optam por dar especial destaque aos textos narrativos, podendo vir a influenciar escolhas e gostos nos alunos.



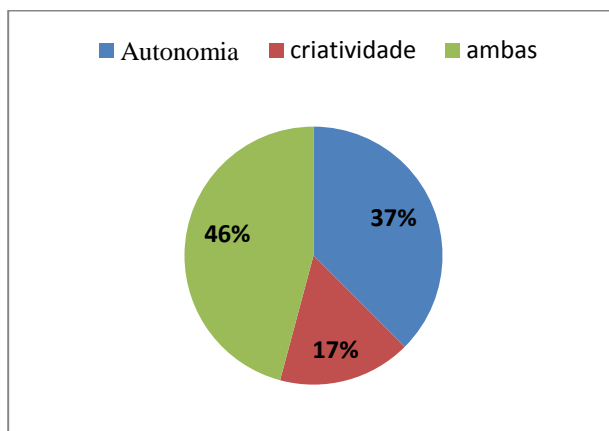
**Gráfico 10 – Desenvolve projetos interdisciplinares?**

Cada vez mais o processo de ensino-aprendizagem de cada disciplina passa por uma interdisciplinaridade, devido à evolução dos sistemas de ensino e à evolução do ritmo de aprendizagem de cada aluno. Por isso mesmo, se deve aproveitar o facto de o português estar presente em todas as disciplinas, excetuando as de língua estrangeira, e estabelecer, por exemplo, textos com conteúdos de estudo do meio, matemática, etc.

**Tabela 9 – Que tipo de atividades?**

"A disciplina de língua portuguesa está sempre presente em qualquer que seja a área que se faça interdisciplinaridade."	1
Articulação com cidadania	2
Concursos e projetos de desenvolvimento língua portuguesa	2
Articulação com TIC	2
Articulação com matemática	3
Articulação com expressões	3
Articulação com estudo do meio	15

Embora a disciplina de português esteja presente na maioria das outras áreas curriculares, a verdade é que a maioria dos professores inquiridos admite articular o português apenas com estudo do meio, ficando as outras áreas com uma articulação muito menos abrangente, embora um professor tenha respondido que “A disciplina de língua portuguesa está sempre presente em qualquer que seja a área que se faça interdisciplinaridade”.



**Gráfico 11 – Dá mais valor a um manual que desenvolve a autonomia do aluno ou um manual que desenvolve a criatividade?**

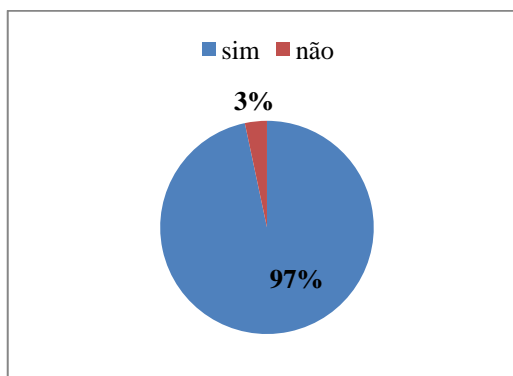
Neste ponto, as opiniões dividem-se, quase uniformemente, entre atribuir valor a um manual que desenvolva a autonomia e um manual que desenvolva simultaneamente as duas características, fator que vai ser justificado através da próxima tabela.

**Tabela 10 - Justificação da pergunta anterior**

Autonomia devido ao número elevado de alunos.	1
Autonomia, porque o aluno ao trabalhar sozinho não tende a copiar.	1
Autonomia porque leva o aluno a fazer trabalhos diversificados.	1
A criatividade é importante para a construção de textos.	1
É através da autonomia que o aluno obtém conhecimentos que lhe permita obter resultados significativos e eficazes para a sua aprendizagem.	1
A criatividade porque a criança escreve, brinca, cresce e torna-se feliz.	1
A descoberta, a vontade que o aluno tem de terminar de ler o texto e a curiosidade que surge quando são assuntos relacionados com história ou estudo do meio.	1
Autonomia leva à criatividade e vice-versa.	3

A maioria dos professores inquiridos explica que a autonomia e a criatividade são coisas que implicitamente se completam, pois um livro que apele à criatividade irá apelar também à autonomia e vice-versa. Por outro lado, os professores que afirmam dar mais valor à autonomia, justificando que a autonomia leva alunos a fazer trabalhos diversificados; a trabalhar sozinho. Explicam também que, devido ao elevado número de alunos, aplicam mais valor à autonomia e, que dessa forma, o aluno não tende a copiar.

Por outro lado, os professores que atribuem mais valor à criatividade justificam explicando que, dessa forma, o aluno tem vontade de ler um texto até ao fim, e acaba por se tornar uma criança mais feliz.



**Gráfico 12 – Faz uso de novas fontes de saber/informação como é o caso da Internet?**

Dado atravessarmos uma era puramente digital, é importante que o professor conheça os variadíssimos recursos disponíveis. Morgado (2004) considera haver necessidade de recorrer a outras fontes de informação, dado a era digital que estamos a atravessar, não fazendo assim do manual o único recurso existente e fiável. Júlio Torres (in Morgado, 2004) considera que facilita a reprodução do conhecimento académico, essencial para progredir e como sobrevivência da instituição escolar.

**Tabela 11 – Exemplos do uso que os professores fazem através das novas tecnologias.**

Fichas	1
CD's interativos	1
Pesquisar correspondência entre alunos e professor	1
Preparação para os alunos	1
Atividades lúdicas	1
Jogos didáticos	1
Declamação de poemas	1
Projetos TIC	1
Sites Brasileiros, pois são muito mais diversificados	1
Pesquisar biografias de autores	1
Enciclopédias	1
PowerPoint's	1
A internet é uma mais-valia quando os alunos são ensinados a extrair dela conhecimento de uma forma eficaz e significativa	1
Youtube	1
Visualização de vídeos	3
Trabalhos de pesquisa	5
Pesquisas na net	8

*“O manual escolar não pode ser utilizado como único recurso, único guia da prática letiva, único transmissor de conhecimentos e promotor de capacidades, atitudes e valores” (Castro et al, 1999, p.144).*



**Gráfico 13 - Costuma usar outro material didático para além do manual adotado?**

O Gráfico 13 mostra-nos uma realidade comum a todos os professores inquiridos e, possivelmente à maioria de todos os professores de hoje, e contrariam a ideia de que os professores fazem do manual a sua “*bíblia*”, assumindo o seu conteúdo como a única verdade possível, como nos indica Castro et al (1999). Na tabela seguinte, podem-se verificar exemplos de outros recursos que os professores utilizam para além do manual.

**Tabela 12 – Exemplos de recursos didáticos que os professores mais utilizam.**

E- manuais	1
Computador	1
PowerPoint's	1
Filmes	1
Textos	1
Fábricas de histórias	1
Textos informais (ex: receitas, jornais, revistas)	1
Caderno atividades	1

Brochuras PNEP	1
Outros manuais	2
Prontuários	2
Internet	4
Gramáticas	5
Fichas de trabalho	5
Jogos didáticos (dominós, quadros, cartazes, material feito pelo professor)	7



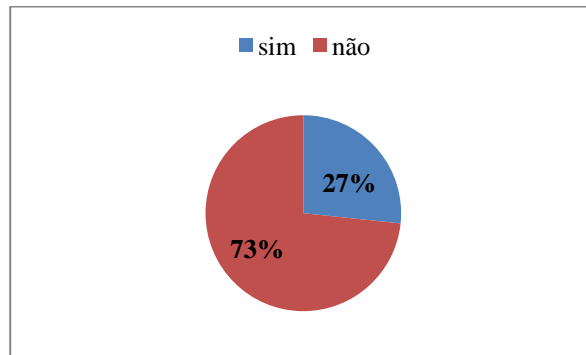
**Gráfico 14 – Preocupa-se em atribuir às suas aulas um carácter prático?**

As aulas práticas revelam um resultado muito mais satisfatório no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Por essa razão, os professores recorrem, cada vez mais, a outras práticas educativas, fruto, também, do desenvolvimento e exigência da sociedade em que atualmente vivemos. No gráfico seguinte podemos observar outro tipo de recursos didáticos que os professores utilizam para além do manual.

**Tabela 13 – Exemplos práticos de aulas lúdicas.**

Preenchimento questionários.	1
------------------------------	---

Sim, para não cair na rotina/desmotivação.	1
Materiais didáticos.	1
Sim, porque é importante diversificar suportes.	1
Sim, porque é uma forma de avaliação e aprendizagem espontâneas.	1
Ilustração de textos.	1
Sim, os alunos avaliam-se mutuamente.	1
Guiões de leitura.	1
Construir poemas.	1
Exploração de textos.	1
Apresentações.	1
Debates.	1
Quadros.	1
Histórias verídicas.	2
Aulas caráter experimental.	3
Produção de textos pelos alunos.	3
Dramatização de textos.	5
Trabalhos de grupo.	6
Jogos didáticos.	1



**Gráfico 15 – Acha que o manual adotado deve apenas respeitar as orientações que constam no currículo nacional?**

Se não podemos encarar o manual como uma “*bíblia*” didática também não podemos, do mesmo modo, encarar o currículo como único fator a ter em conta, embora seja um documento oficial do ME.



**Gráfico 16 – Tem o cuidado de reparar em possíveis erros do manual, os quais poderão não estar adequados ao nível de aprendizagem dos alunos?**

O espírito crítico do professor deve estar presente em tudo o que lê, sejam documentos oficiais do ME, manuais, conteúdos da internet, etc., pois, muitas vezes, por preguiça ou por falta de atenção ou, até mesmo, conhecimentos específicos, os manuais contêm vários erros, sobretudo de cariz científico, como podemos verificar na tabela seguinte.

**Tabela 14 – Exemplo de erros que os professores encontram em manuais escolares.**

Textos com o nome do autor errado.	1
Erros quanto à terminologia.	1
Textos não adequados à faixa etária das crianças.	1
Comuniquei o erro à editora.	1
Perguntas de interpretação inadequadas.	2
Falta de pontuação.	2
Acentuação de palavras.	2
O professor também deve elucidar a criança, ou seja fazê-la descobrir o erro.	2
Erros gramaticais.	2
Falta de rigor científico.	3
Erros ortográficos.	5

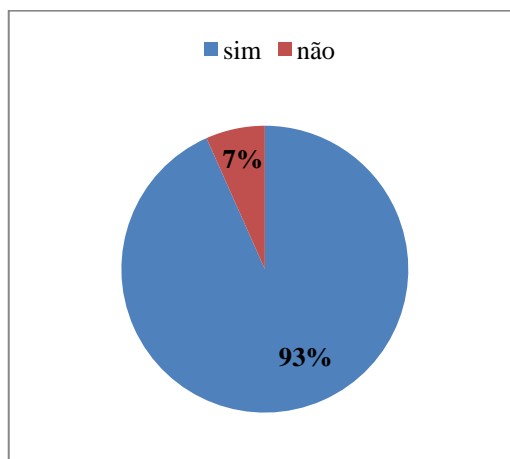


**Gráfico 17 – Tem o cuidado de trabalhar textos que desenvolvem a educação para a cidadania?**

Devido à diversidade de etnias que hoje encontramos nas nossas salas de aula, a questão da cidadania deve estar presente nas abordagens do nosso dia a dia. Isso implica preparar atividades tendo em conta textos que desenvolvam atitudes de formação cívica nos alunos. A tabela seguinte irá mostrar-nos alguns exemplos de situações em que se pode trabalhar a cidadania com os alunos.

**Tabela 15 – Em que situações desenvolve textos sobre a educação para a cidadania?**

Reservo um bocadinho por semana a esse tema.	1
Respeito pela diferença.	1
Para trabalhar domínios do conceito social.	1
Preservação do ambiente.	1
Efemeridades.	2
Exploração obras do PNL e autores de outras obras e outros textos que contenham esse assunto.	2
É intercalado com tema de Estudo do Meio.	3
Regras de segurança de rodoviária.	3
Para trabalhar conflitos, problemas de falta de educação, formação cívica, etc..	4
Diariamente, sempre que seja apropriado.	7



**Gráfico 18 – Costuma averiguar se o manual adotado contém discriminações quanto a sexos, etnias, religiões, deficiências?**

Há bem pouco tempo os manuais eram muito pouco diversificados em termos de ilustrações. Hoje, podemos verificar que contêm textos sobre determinadas culturas e ilustrações com crianças de outras etnias e até com deficiências, uma vez que a escola do século XXI é encarada como inclusiva.

Para Rego et al. (2010), os manuais escolares têm assumido um papel ao mesmo tempo importante e polémico, sendo o único livro que se encontra disponível a todos sem exceção, independentemente do seu estatuto social e cultural, sócio-económico ou do local onde vive”. Na próxima tabela, alguns professores indicam em que situações costumam averiguar esse facto.

**Tabela 16 – Exemplos práticos usados pelos docentes em relação à pergunta anterior.**

Só porque são orientações do ME.	1
Nenhum manual aborda a homossexualidade.	1
A escola deve ser inclusiva.	1
Raramente, embora tenha conhecimento que predomina o sexo feminino, costumes relacionados com a religião católica, não explorando o caso de pessoas deficientes nem de outra cor.	1

Deve-se promover o diálogo construtivo.	1
Tem-se verificado uma melhoria neste campo.	1
Textos que deem a conhecer outras culturas, outros povos, deficiências (os alunos gostam).	1
Devido à variedade de conflitos.	4
Questão de princípio de igualdade.	5



**Gráfico 19 – Trabalha apenas os textos existentes no manual?**

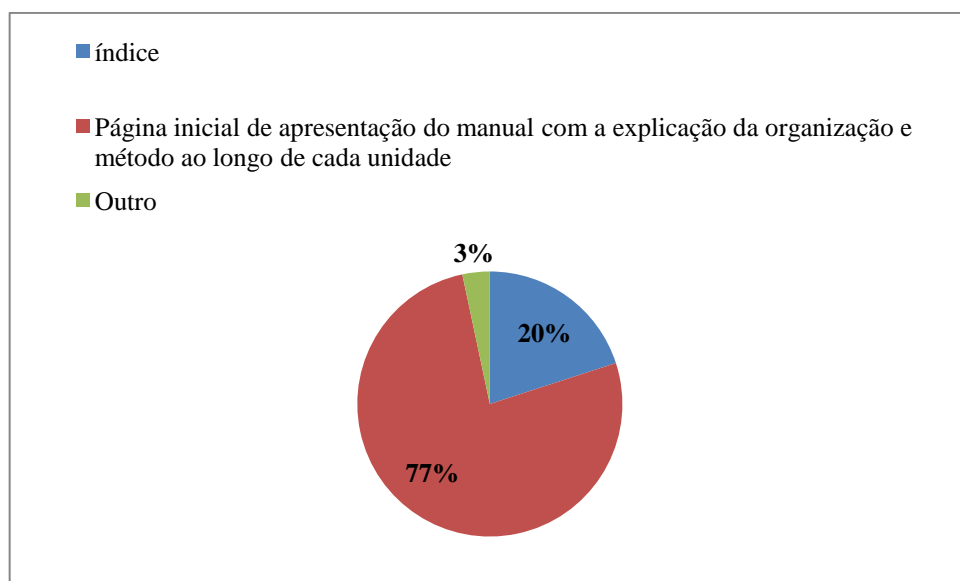
Conforme afirmado anteriormente, os professores cada vez mais devem diversificar a sua atividade letiva, não se confinando apenas aos textos selecionados pelo manual.

Os professores devem recorrer a outros recursos materiais que não o manual adotado, apontando o aperfeiçoamento dos conteúdos programáticos em consonância com os objetivos estabelecidos pelo CN (Castro, et al., 1999).

**Tabela 17 – Justificação da pergunta anterior.**

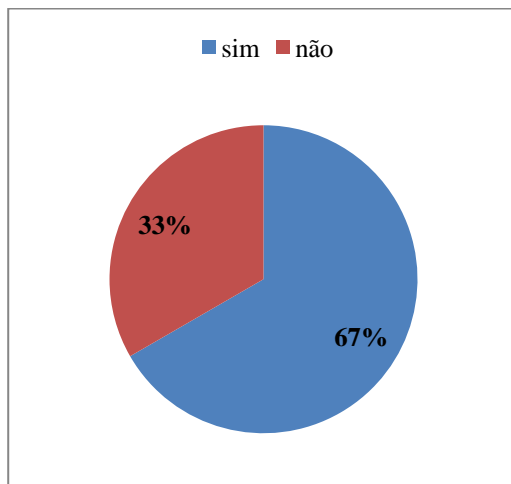
Dá fichas diferentes do manual.	1
Há alturas em que é preciso diversificar pois o manual não responde a tudo.	1

Porque há poesia e outros textos de grandes autores portugueses que não estão no manual adotado (Fernando Pessoa, Miguel Torga, Sebastião Gama).	1
Quanto maior a diversidade maior é a compreensão do aluno.	1
Devem existir, na sala, outros manuais de outros autores.	2
Recorre a outros manuais.	3



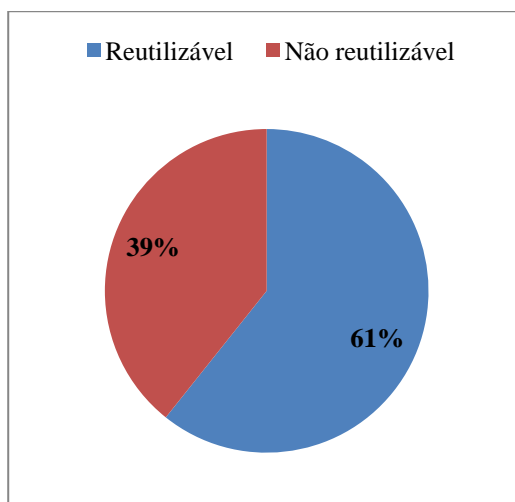
**Gráfico 20 – O que pensa ser mais importante?**

Esta é uma resposta justificativa da experiência dos professores. A página inicial de apresentação do manual é, portanto, a mais importante, uma vez que inclui informações úteis sobre a organização do livro, logo, acaba por ser a base de observação do manual na sua totalidade.



**Gráfico 21 – Considera o peso do manual um fator a ter em conta na sua avaliação?**

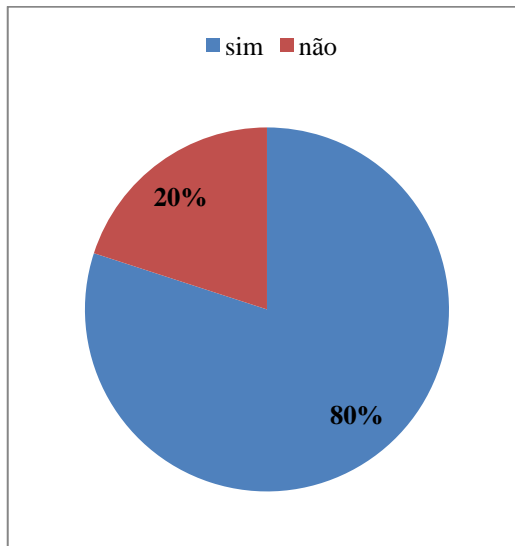
O peso dos manuais influencia na sua avaliação pois condiciona a motivação dos alunos na aprendizagem. Se o mesmo for, de alguma forma, pesado, é bem possível que o aluno considerado “preguiçoso” se desmotive ainda mais, pois acaba por ser um manual difícil de transportar.



**Gráfico 22 – Que tipo de manual prefere?**

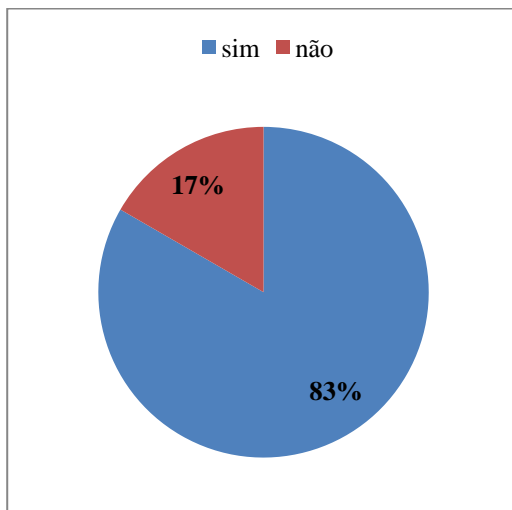
Um manual reutilizável acaba por ser bem mais conciso e organizado que um manual não reutilizável, uma vez que o alunos terão de complementar o uso do

manual com outros acessórios, como por exemplo um caderno de resposta, que agora muitos manuais possuem. Isto para permitir a reutilização do manual, sendo que a atividade não se concentra toda no manual, ou seja não está toda representada no manual o que levará o aluno a entender melhor a função do manual como complementaridade do seu estudo.



**Gráfico 23 – Dá especial atenção às obras sugeridas pelo PNL?**

O PNL revela-se uma grande ajuda na seleção de textos adequados às diferentes faixas etárias. Por isso mesmo, os professores recorrem com mais frequência a obras recomendadas pelo PNL.

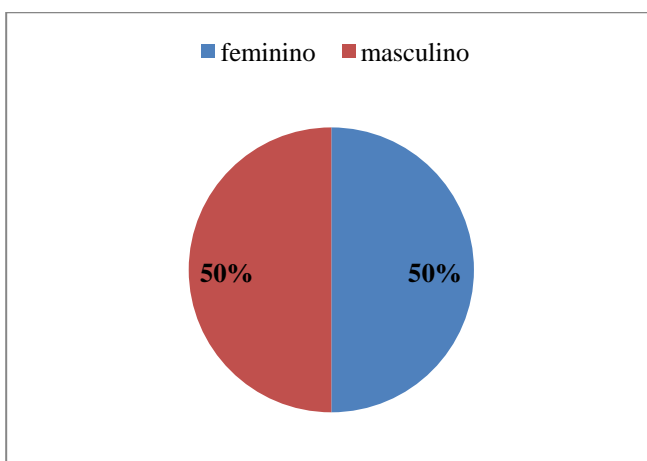


**Gráfico 24 – Costuma recorrer ao dossier do professor que, na maioria dos casos, os manuais têm com múltiplos recursos (planificações, fichas de avaliação, planos de aulas, etc.)?**

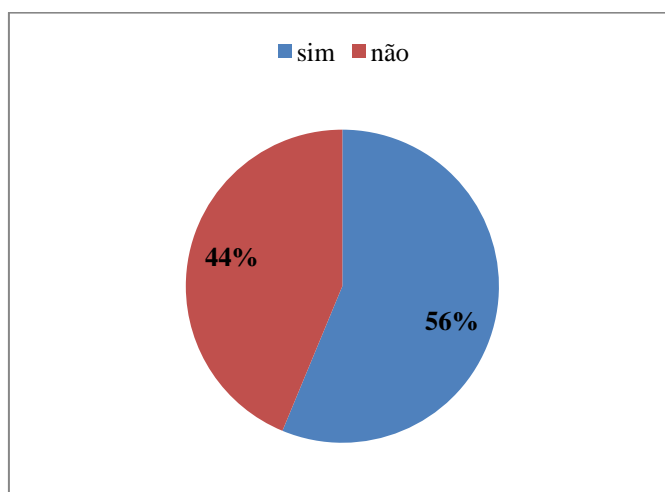
O manual revelou, em pouco tempo, uma grande evolução, manifestando-se uma excelente ferramenta, não só para os alunos, mas acima de tudo para os professores.

#### 4.1 Inquéritos aos alunos

Dos inquiridos, 50 % são raparigas e 50% são rapazes.



**Gráfico 25 – Sexo**



**Gráfico 26 – Tens por hábito folhear o manual antes de começarem as aulas?**

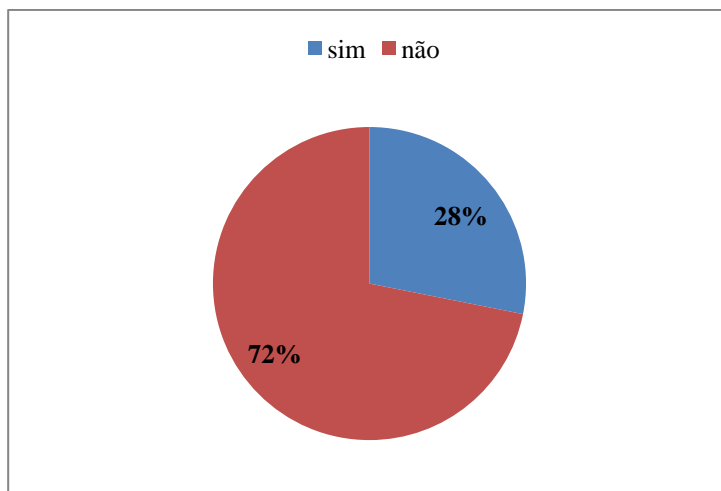
Com este gráfico pode-se observar o nível de entusiasmo e curiosidade que os alunos demonstram pelo manual de português.

**Tabela 18 – Se respondeste sim, indica o que costumavas procurar num livro de português a primeira vez que o abres.**

Autores dos textos	0
Índice	3
Outro	3
Soluções	4
Exercícios	4
Títulos dos textos	7
Ilustrações	13

Embora, pelo gráfico anterior, pudéssemos concluir que a curiosidade e o entusiasmo dos alunos em consultarem o manual de português era de facto evidente, perante esta tabela podemos concluir que não será pela sua estrutura

textual, mas sim pela sua textura lúdica, as ilustrações, o que não deixa de ser um aspeto revelador de poucos hábitos de leitura que estas crianças possam ter.



**Gráfico 27 – No final de um dia de aulas, costumava abrir o livro de português em casa e ler alguns textos?**

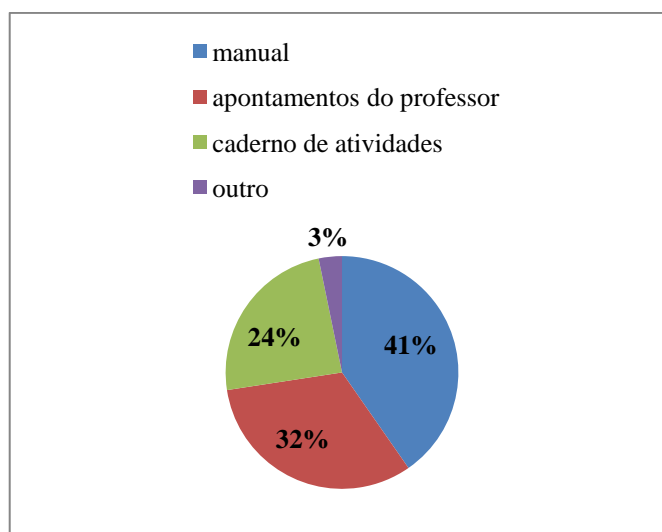
De acordo com o gráfico 27, a verificação acima descrita fica comprovada. Em alguns casos pode acreditar-se que seja pelo cansaço dos alunos, pois têm um dia preenchido de aulas, chegando a casa muito tarde, e deixando as tarefas escolares para depois da hora do jantar. Noutros casos, diríamos que a grande maioria que representa os 28%, não possui algum hábito de leitura, o que em crianças deste nível escolar não deixa de ser alarmante.

**Tabela 19 – Se sim, explica porquê.**

“Porque gosto de ler.”	1
“Porque gosto de reler os textos que mais gostei de ler nas aulas.”	2
“Para estudar.”	2
“Porque gosto dos textos.”	2

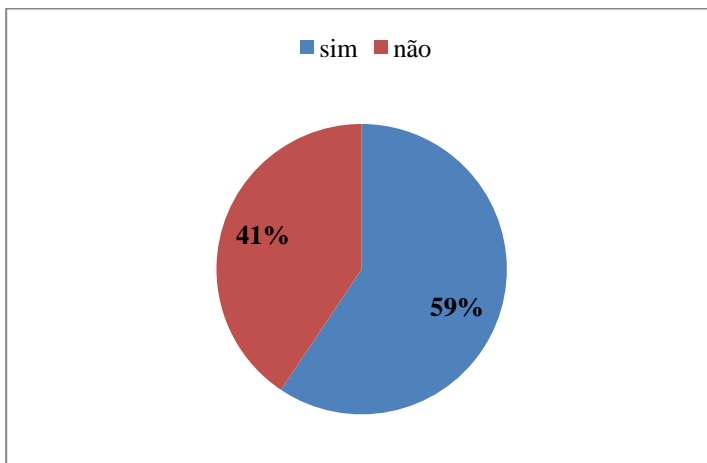
No que concerne à tabela 19, os alunos justificam o seu cuidado em rever o livro quando chegam a casa porque gostam de estudar, reler os textos que mais gostaram e apenas porque gostam de ler.

Um livro é como um convite à leitura, mas o interesse do leitor passa pela conveniência do conteúdo que compõem o livro e pela sedução que o mesmo transmite ao ser folheado (Castro et al., 1999).



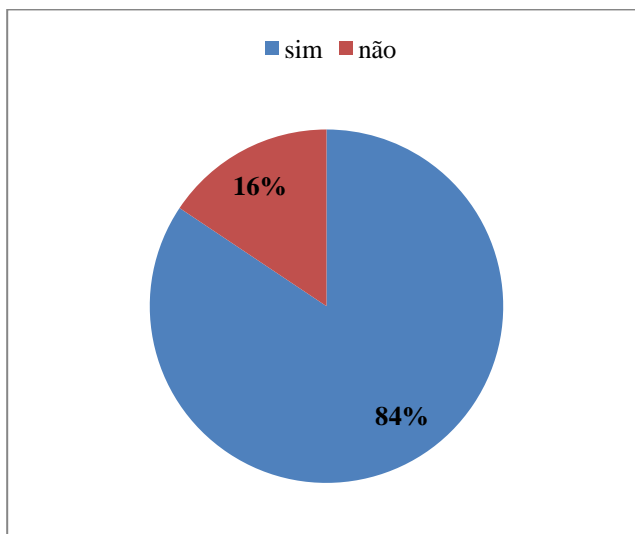
**Gráfico 28 – Costumas estudar pelo...**

O gráfico 28 revela-nos que os alunos, embora não tenham o hábito de chegar a casa e abrir o livro de português por livre e espontânea vontade, recorrem ao mesmo quando necessitam de estudar para um teste, o que já lhe atribui algum valor. Conciliam o estudo pelo manual com o estudo pelos apontamentos do professor da disciplina e, em último recurso, recorrem ao livro de atividades, o que pode também significar que os alunos dão-se pouco ao trabalho de estudar por via de exercícios, lendo apenas o que vem no manual e nos apontamentos do professor.



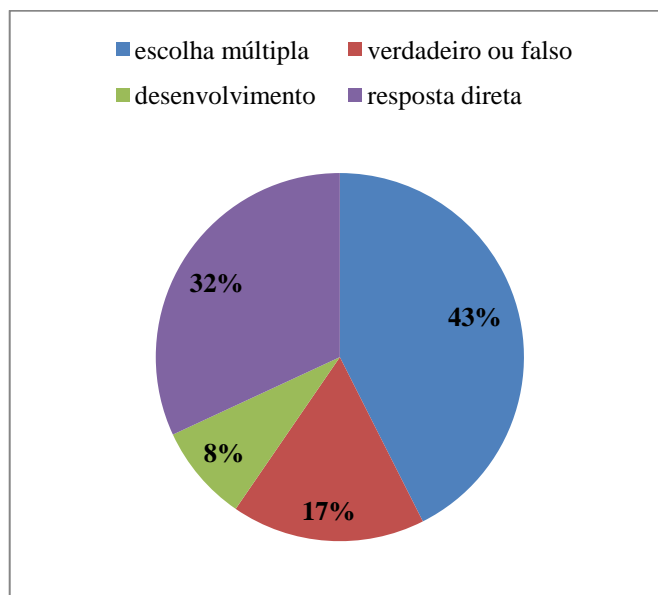
**Gráfico 29 – Efetuas exercícios do livro de atividades ou manual por livre e espontânea vontade?**

Podemos aqui constatar que, embora os alunos não tenham o cuidado de chegar a casa depois de um dia de aulas e folhear o livro de português, de vez em quando, efetuam exercícios dos manuais por vontade própria, possivelmente exercícios de escolha múltipla, ou ligação entre colunas. Os resultados deste gráfico não deixam de ser contraditórios com a realidade verificada em cima.



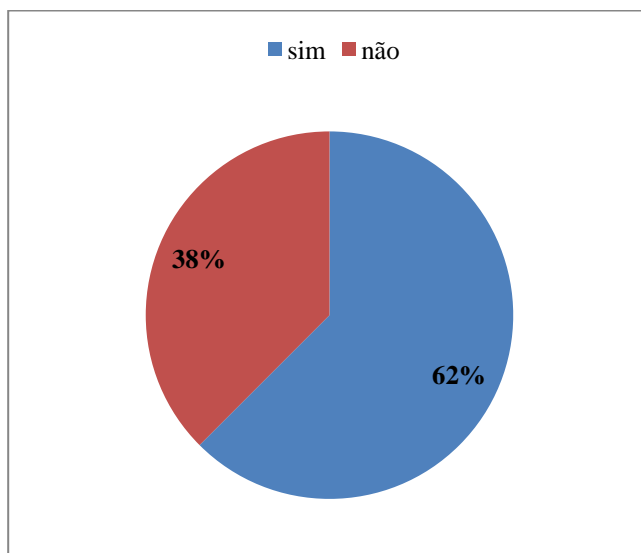
**Gráfico 30 – Gostas das ilustrações do teu manual de português?**

Um grande passo para o aluno se sentir motivado a ler os textos é ter ilustrações apelativas. Contudo, se as ilustrações não forem adequadas ao nível etário dos alunos em questão corre-se o risco de elucidar incorretamente a criança para o tema principal do texto, e até mesmo de desvalorizar a qualidade de conteúdo coerente do manual.



**Gráfico 31 – Que tipo de exercícios consideras mais interessantes.**

Tal como foi previsto no gráfico 29, o tipo de perguntas em que as crianças demonstram mais interesse é na escolha múltipla. Ironicamente, preferem a resposta direta ao tipo de pergunta “verdadeiro” ou “falso”. É de desconfiar que a maioria desconheça o sentido de “resposta direta”, uma vez que para os alunos a definição concreta de resposta direta deve ser pouco mais que uma linha.



**Gráfico 32 – O teu manual contém um guia gramatical (o qual pode ser anexo ao livro, ou constar na última unidade do mesmo)?**

**Tabela 20 – Se respondeste sim, indica se o costumavas consultar e em que situação.**

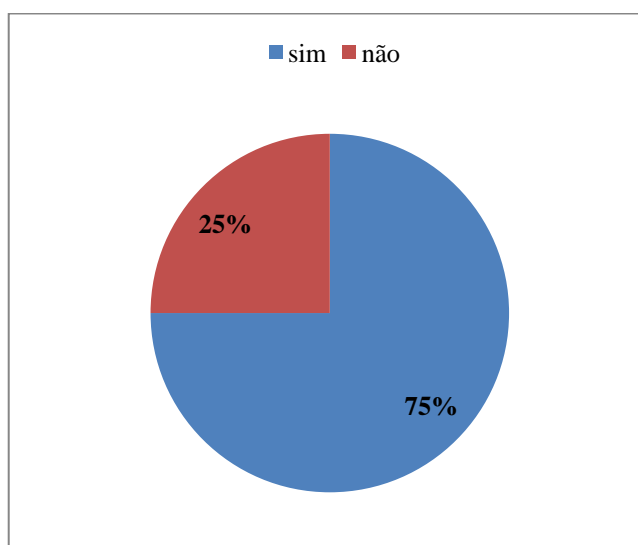
“Para saber o significado de alguma palavra.”	1
“Para consultar os advérbios.”	1
“Não consulto.”	1
“Para consultar a classe de palavras.”	2
“Para consultar a gramática.”	3
“Para fazer alguns exercícios.”	5
“Para estudar.”	10

A tabela 20 revela que a maioria dos alunos recorre ao guia gramatical em último recurso, ou seja, para estudar. Posteriormente, indicam consultar a resolução de alguns exercícios, mas nunca como hábito pessoal de ler a matéria abordada na aula para esclarecer alguma dúvida.

**Tabela 21 – Quando estudas pelo manual costumam guiar-te através de...**

Fichas de autoavaliação que costumam estar presentes no final de cada unidade	3
Unidades	7
Textos trabalhados nas aulas	10
Guia gramatical	11
Índice	14
Itens de resumo da matéria que encontram espalhados pelo livro com títulos semelhantes a: "fixa", "recorda", "resumo", etc. .	14

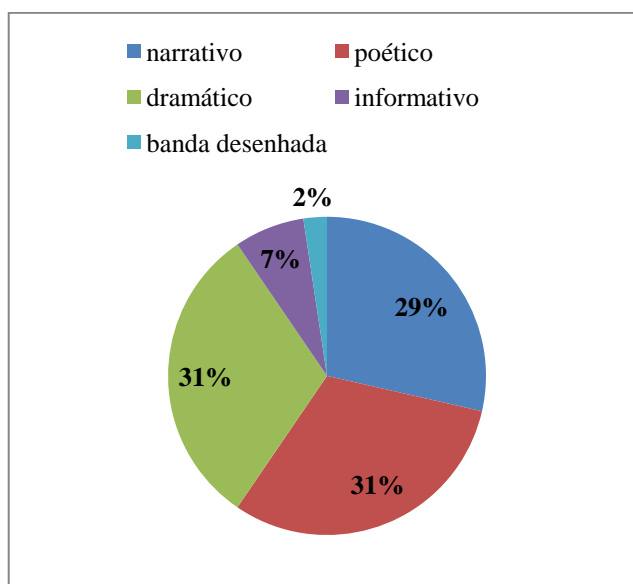
Os manuais atuais vêm cada vez mais explícitos para o aluno, quer a nível estrutural, quer a nível teórico. Por isso mesmo, a maioria admite orientar-se pelo índice (24%) e pelos itens de resumo da matéria que encontram espalhados pelo livro com títulos semelhantes a: "FIXA", "RECORDA", "RESUMO", etc. (24%) Isto apenas justifica a utilização de um manual escolar que facilita, em muito, a vida do estudante.

**Gráfico 33 – Gostas dos textos do teu manual de português?**

Embora uma grande percentagem dos alunos afirme não reler o livro em casa, a grande maioria admite gostar dos textos do manual.

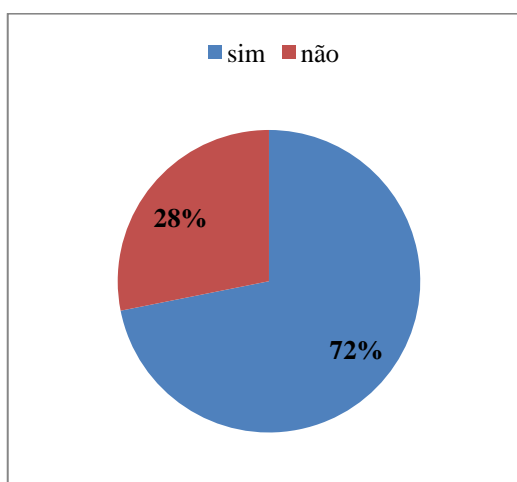
**Tabela 22 – Se respondeste sim, dá um exemplo de um texto que tenhas lido e gostado. Se te lembrares referencia também o autor.**

"Mãos frias e coração quente" de Augusto Gil	1
"O príncipe clandestino"	1
"O pilha - galinhas" Virgílio Alberto Vieira	1
"A árvore" de Sophia de Mello Andresen	1
"Assalto à estação"	1
"O gigante egoísta" Oscar Wilde	1
"As vontades" Lygia Bojunga Nunes	1
"O burro"	1
"A guerra dos tabuleiros de xadrez" de Manuel António Pina	2
"A Faneca e alforreca"	2



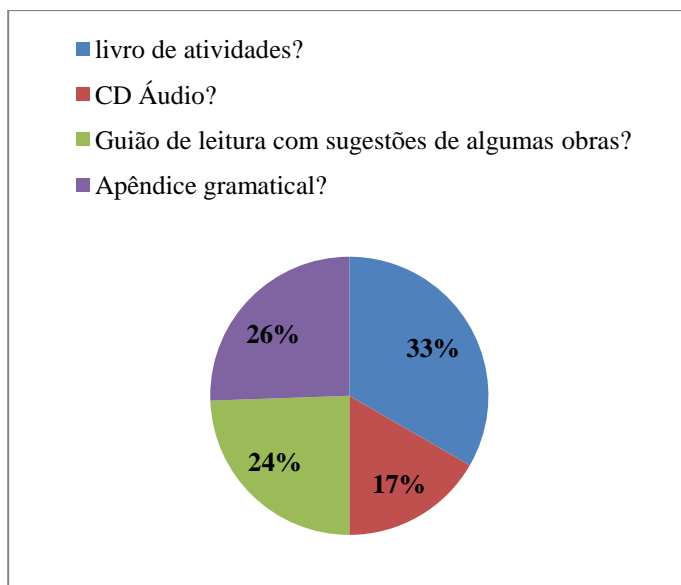
**Gráfico 34 – Que tipo de textos gostas mais?**

O gráfico 34 demonstra que os alunos preferem o texto poético e o texto dramático aos outros tipos de texto. Curiosamente, apenas 2% afirmou gostar mais de banda desenhada.



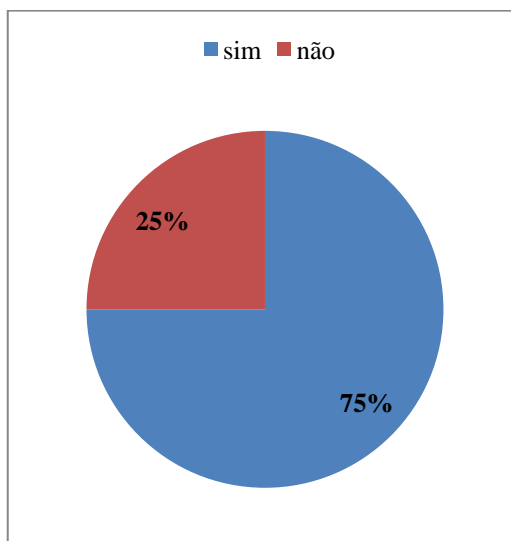
**Gráfico 35 – Achas que o teu manual é muito pesado?**

O peso do manual pode determinar a sua utilização, ou seja, pode determinar o estudo do aluno, pois se for um manual pesado ele terá tendência a dispensar o livro, uma vez que se torna cansativo transportar o manual.



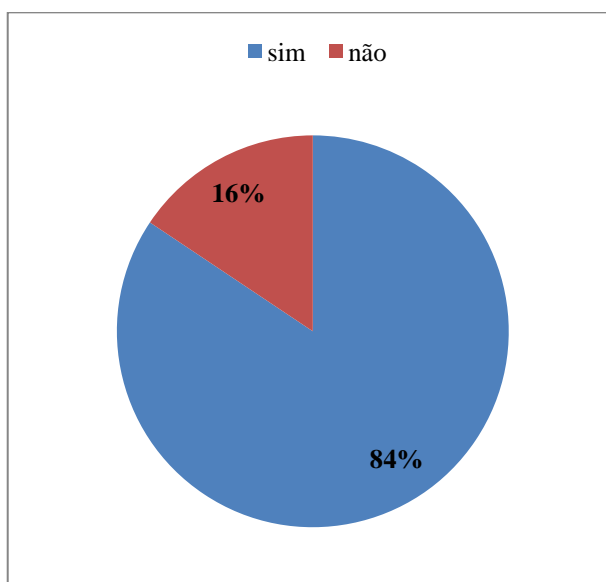
**Gráfico 36 – O teu manual tem...**

Uma vez que as editoras disponibilizam a compra do livro de atividades, CD e restantes componentes, o que compõe o bloco pedagógico, podemos concluir que a maioria dos encarregados de educação tem o cuidado de comprar aos seus educandos o livro de atividades, uns porque os professores pedem, outros porque gostam de multiplicar os recursos de estudo. Os restantes componentes, como o apêndice gramatical tem por hábito vir inserido no próprio manual, bem como o guião de leitura.



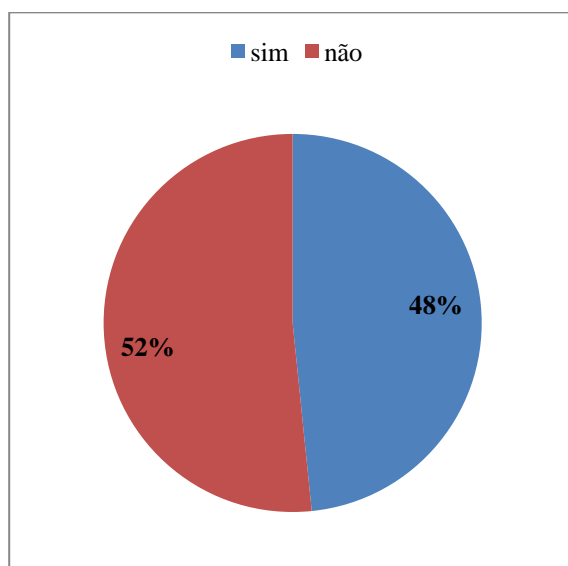
**Gráfico 37 – O teu manual permite a reutilização?**

A maioria dos manuais são reutilizáveis, o que pode permitir a famílias numerosas o uso repetido, isto se as metas curriculares e programas nacionais do ensino básico não forem alterados.



**Gráfico 38 – Dos textos do manual que já leste, ou estudaste nas aulas, conseguiste perceber com clareza o seu tema principal?**

Para alguns alunos é complicado compreender o que leem em cada texto. Pelo gráfico 38 podemos constatar que 84% assegura que compreende e os restantes 16% admitem não compreender. Esta percentagem poderá ser aquela que não se interessa pelo estudo do manual.



**Gráfico 39 – Sentes vontade de ler e estudar quando abres o manual de português?**

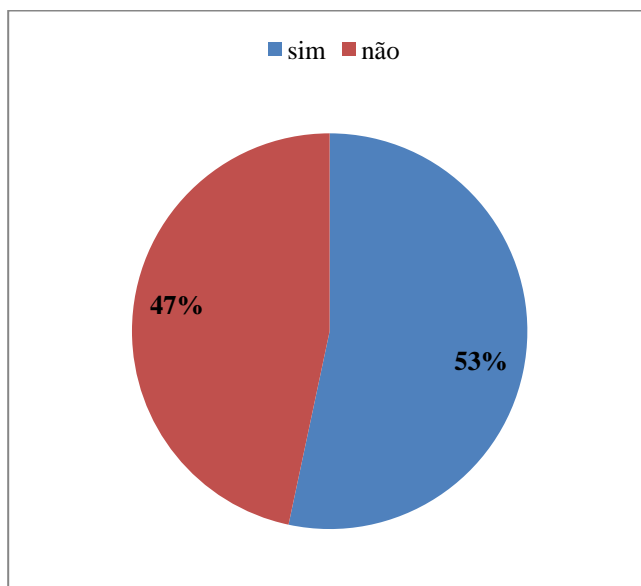
A evidência destes dados também não deixa de ser contraditória com outros observados anteriormente. Resta verificar as justificações na próxima tabela.

**Tabela 23 – Consoante a tua resposta, explica porquê.**

“Porque chego tarde a casa.”	1
“Não porque eu não estudo muito pelo manual.”	1
“Depende, se tiver um teste sim.”	1
“Porque estou ocupado com outras coisas.”	1
“Sim porque tem a matéria bem explicada.”	1
“Não porque não gosto de ler aquilo que nós já lemos.”	1

“Os textos são estimulantes!”	1
“Porque eu adoro poesia.”	1
“Sim, porque tenho de ler tudo e estudar.”	1
“Sim porque é preciso estudar para a prova final do ciclo.”	1
“Sim, porque ao ler sinto curiosidade, e depois pode contribuir para o futuro.”	1
“Sim, porque tem a matéria bem explicada.”	1
“Porque tem boas ilustrações e bons textos.”	1
“Só gosto de ler os textos que há no manual, pois parecem interessantes.”	2
“Porque prefiro jogar <i>Play Station Portable</i> .”	2
“Não gosto de estudar.”	4
“Gosto de ler.”	4

Não deixa de ser interessante ler as respostas dos alunos que admitiram não ter vontade de estudar pelo livro, como por exemplo: “porque não gosto de ler o que já li”; “porque estou ocupado com outras coisas”; “porque prefiro jogar *Play Station Portable*”, etc. Os restantes 48% referem que sentem vontade de estudar porque gostam de ler, adoram poesia e porque sentem curiosidade de estudar.



**Gráfico 40 - Gostas de desenvolver atividades de português juntamente com outras disciplinas?**

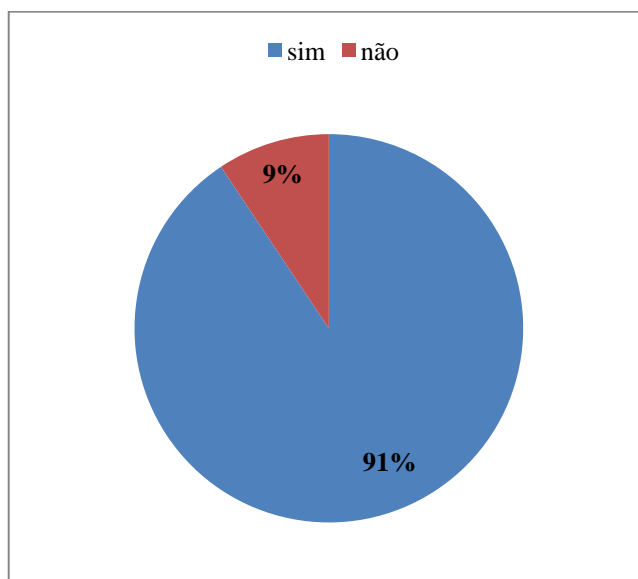
Para alguns alunos, intercalar a disciplina de português com outra, pode incentivar o seu estudo e levar a um interesse muito maior, uma vez que nem todos gostam da disciplina.

**Tabela 24 – Consoante a tua resposta explica porquê.**

“Acho que assim podemos aplicar todas as disciplinas à de português.”	1
“Porque aprendemos mais em português e em história.”	1
“Sim, pois assim fico a saber mais sobre as outras disciplinas.”	1
“Sim porque aplico mais conhecimentos.”	1
“Não gosto de misturar as disciplinas.”	1
“A língua portuguesa é a base para o desenvolvimento para as outras disciplinas.”	1
“Porque não gosto.”	3
“Porque é divertido.”	4

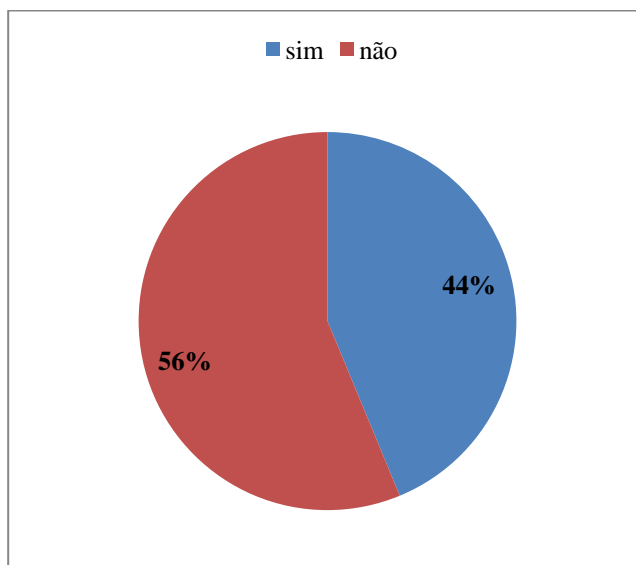
“Algumas vezes não pois fico um bocado baralhado e confuso.”

5



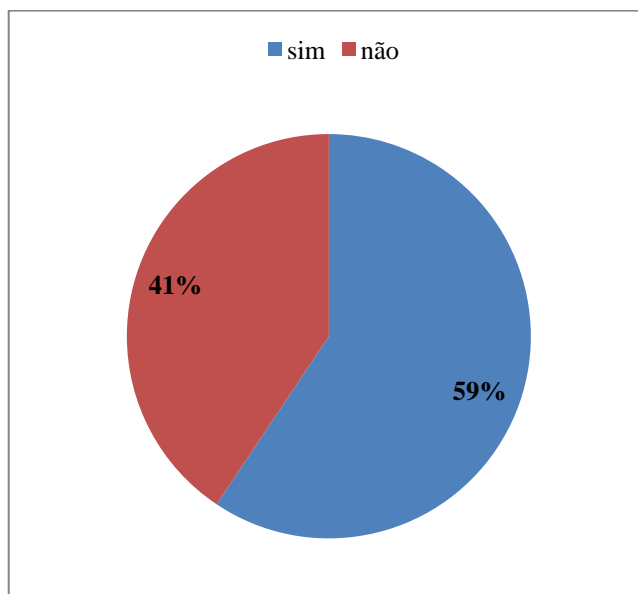
**Gráfico 41 – Consegues compreender e cumprir as orientações de cada texto do teu livro que, na maioria das vezes, costumam estar apelidadas de: “ANTES DE LER”, “LEIO”, “ESCREVO”, “COMPREENDO”, “OFICINA GRAMATICAL”?**

Este gráfico comprova a teoria revelada na tabela 21, o qual destaca a preferência dos alunos para se orientarem através do índice e dos itens de resumo de matéria.



**Gráfico 42 – Costumas usar a Internet para estudar?**

Embora os alunos devam recorrer a outro tipo de materiais para a elaboração do seu estudo, é importante que saibam distinguir informação não credível da credível, pois na internet encontram-se muitos conteúdos errados e não adequados, também, à faixa etária em questão. Deve, por isso, apostar-se na formação dos alunos para esses conteúdos, recomendando alguns *sites* de apoio.



**Gráfico 43 – O teu manual apele ao uso de outros materiais de estudo que não sejam o livro?**

Um livro que apele à imaginação, criatividade, dinamismo e autonomia, será por isso um livro mais rico. Se for um livro que se limite a ser um recurso fechado não irá entusiasmar tanto o aluno.

**Tabela 25 – Muito resumidamente, tenta descrever qual é para ti o manual ideal que te ajudasse a estudar melhor e com menos dúvidas.**

“O manual ideal é quando tem pouca coisa.”	1
“Nenhum.”	1
“O manual ideal é quando é menos pesado.”	1
“Livro de exames da Porto Editora.”	1
“Tenha textos apenas textos e pouca gramática, pois isso está no caderno diário.”	1
“O manual ideal será o que acompanha o texto com exercícios, e respetiva resolução a fim de ter uma aprendizagem autónoma.”	1
“O meu manual já é o ideal, pois tem bons textos e boas ilustrações.”	1

“Os 100 contos.”	1
“Livro das provas de português.”	2
“Livro das provas de português.”	2
“O do livro das provas finais que tenha textos e ilustrações interessantes e conteúdo explícito.”	2
“Um manual pequeno e com boa informação.”	2
“Leve, com títulos sugestivos, com ilustrações e textos engraçados.”	2
“O manual tem de ter fichas e resumos.”	3
“Eu acho que devia ter mais exercícios e mais textos.”	3
“Textos de qualidade, boas ilustrações e muitos exercícios.”	4

## **CONCLUSÃO**



O manual continua a ser um instrumento essencial no processo de ensino-aprendizagem no dia a dia dos professores e aluno. É através dele que a maioria das aprendizagens são transmitidas e interiorizadas, acabando por funcionar como o fio condutor mais importante entre o saber, o aluno e o professor, comportando, neste caso, três intervenientes importantes.

Se fizermos uma análise do percurso do manual escolar podemos verificar que a sua evolução foi muito significativa, podendo até serem observados aspetos bastantes positivos no decorrer de muito pouco tempo.

Logo, os alunos podem agora contar com ferramentas de apoio personalizadas que lhes disponibilizam vários métodos de aprendizagem e materiais didáticos diversificados direcionados para um melhor sistema de ensino e método orientador para o processo de ensino-aprendizagem.

Tal como foi destacado ao longo desta investigação, é importante e urgente um sistema de avaliação e acreditação de manuais escolares capaz de responder às exigências de correção destes instrumentos, contando com a participação de especialistas convenientemente especializados para o cargo que irão desempenhar, uma vez que a avaliação de manuais escolares é um processo muito minucioso que deve obedecer a diretrizes bastante específicas.

Nesse sentido, a lei prescreve alguns procedimentos a serem usados contudo, arrisco a afirmar que a maioria deles podem não estar a ser executados por grande parte de professores e escolas pelo país inteiro, dado ainda haver muitos professores que desconhecem a existência de alguns pormenores que, embora pareçam insignificantes, contam em muito para uma boa avaliação do manual.

O problema reside também nas editoras, que lançam os livros no mercado preocupadas com técnicas de marketing, com vista a obter um bom lucro de vendas, esquecendo-se de ter em conta o aspeto de corresponder ou não às expectativas dos alunos e professores. É, pois, de lamentar, por exemplo, ter

observado manuais direcionados ao 6ºano que se assemelham a livros para crianças do 3º ou 4º ano do 1º ciclo.

Um dos grandes problemas em relação aos manuais escolares, que pouco tem vindo a ser debatido, e pouca preocupação tem vindo a demonstrar por parte do ME, são os preços elevadíssimos dos manuais escolares. Esta situação é tão mais gravosa quando se tratam de famílias numerosas, em que, embora até pudessem ser reutilizados, a mudança constante de programas curriculares não facilita esse processo, tendo os encarregados de educação de gastar, em alguns casos, perto de um ordenado mínimo para conseguir pagar os livros dos educandos.

Também o processo de avaliação de manuais escolares deixa muito a desejar uma vez que a grelha cedida pelo ME de educação para avaliação dos mesmos é, de facto, igual para todas as disciplinas até ao nível secundário.

Dado ser um processo bastante específico, devia ter sistemas de avaliação e acreditação diferentes, composto por grelhas observação distintas em cada área curricular, podendo também contar com a apreciação inicial do aluno.

De acordo com a investigação elaborada, muito há ainda por dizer acerca da problemática da avaliação de manuais escolares. É necessário haver maior rigor científico e metodológico em relação à acreditação. No entanto, como podemos verificar, a questão não reside somente aí. O verdadeiro problema passa também pelo reconhecimento de entidades específicas de avaliação, que não garantem fornecer especialistas adequados à função atribuída.

Como tal, é importante uma revisão no sistema de avaliação e acreditação de manuais escolares, com vista a melhorá-los e, assim, poder fornecer aos alunos materiais mais específicos e cientificamente corretos.

É importante, também, a formação contínua de docentes neste ramo, dado haver alguns professores que ainda não se encontram devidamente informados sobre o verdadeiro processo de avaliação e apreciação de um manual. Os alunos,

por sua vez, limitam-se a crer no que veem. É de louvar o trabalho árduo e constante dos professores que se esforçam diariamente por tornar as suas aulas dinâmicas, interativas e ricas, lançando mão, para isso, de outros recursos didáticos.



## **BIBLIOGRAFIA**



(2005). “O mercado do livro escolar”. Lisboa: Panorama e Reflexões.

CABRAL, M. (2005). “Como analisar manuais escolares.” Lisboa: Texto Editora.

CASTRO, Rui V. et al. (1999). “Manual escolar. Estatuto, funções, história.”  
Braga: Universidade do Minho.

CUSTÓDIO, Pedro. (2009). “Análise e produção de materiais didáticos de português no ensino básico: alguns princípios orientadores”. Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra.

FARINHA, Isabel. (2007). “Audiências Cativas? As imagens marca do Manual Escolar”. Lisboa: Livros Horizonte.

GÉRARD, F. & ROEGIERS, X. (1998). “Conceber e avaliar manuais escolares.”  
Porto: Porto Editora.

MARTINS, M. & SÁ, S. (2010). “O manual escolar de Língua Portuguesa e o seu papel na promoção da leitura e da literacia”. Aveiro: Universidade de Aveiro.

MORGADO, José C., (2000). “Manuais escolares. Contributo para uma análise”.  
Porto: Porto Editora.

Recensão. Ana Bela Ferreira, “Manuais escolares – estatutos e funções”.

REGO, B., Gomes C. & BALULA, J. (2010). “A avaliação e certificação de manuais escolares em Portugal: um contributo para a excelência”. Évora: Universidade de Évora.

TAVARES, Clara & BARBEIRO, Luís. (2011). “As implicações das TIC no Ensino da Língua”. Ministério da Educação: Direção - Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

### **Webografia**

<http://area.dgidec.min-edu.pt/acreditacao>

#### **Legislação consultada**

Lei nº47/2006, de 28 de agosto

Decreto-lei nº261/2007 de 17 de julho

Artº 8º da Portaria nº1628/2007, de 28 de dezembro

Despacho nº229865/2007, de 30 de novembro

Despacho nº15285-A/2010, de 7 de julho

Despacho nº95-A/2013, de 28 dezembro

Despacho nº415/2008

Portaria nº42/2008, de 11 de janeiro

Portaria nº792/2007, de 23 de julho

Portaria nº162/2007, de 28 de dezembro

Despacho nº29 864/2007, de 27 de dezembro

Despacho nº29 865/2007, de 27 de dezembro

Despacho 3 063/2008, de 7 de fevereiro

Despacho nº415/2008, de 4 de janeiro

Despacho nº16497/2009. DR. Nº139, Série II de 2009-07-21

Despacho nº22025/2009, de 2 de outubro



## **ANEXOS**



**Anexo 1 – Grelha de apreciação de manuais escolares**

<b>CrITÉrios de Apreciação/planos de análise</b>				
<b>Organização e método</b>	<b>I</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>MB</b>
1- Apresenta uma organização coerente e funcional, estruturada na perspetiva do aluno				
2- Desenvolve uma metodologia facilitadora e enriquecedora das aprendizagens				
3- Estimula a autonomia e a criatividade				
4- Motiva para o saber e estimula o recurso a outras fontes de conhecimento e a outros materiais didáticos				
5- Permite percursos pedagógicos diversificados				
6- Contempla sugestões de experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente de atividades de carácter prático/experimental.				
7- Propõe atividades adequadas ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares				
<b>Informação</b>				
1- Adequa-se ao desenvolvimento das competências definidas no Currículo do respetivo ano e/ou nível de escolaridade				
2- Responde aos objetivos e conteúdos do programa/orientações curriculares				
3- Fornece informação correta, atualizada, relevante e adequada aos alunos a que se destina				
4- Explicita as aprendizagens essenciais				
5- Promove a educação para a cidadania				
6- Não apresenta discriminações relativas a sexos, etnias, religiões, deficiências...				
<b>Comunicação</b>				
1- A conceção e organização gráfica do manual facilitam a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem				
2- Os textos são claros, rigorosos e adequados ao nível de ensino e à diversidade dos alunos a que se destinam				
3- Os diferentes tipos de ilustrações são corretos, pertinentes e relacionam-se adequadamente com o texto.				
<b>Características materiais</b>				

1- Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização				
2- O formato, as dimensões e o peso do manual (ou de cada um dos seus volumes) são adequados ao nível etário do aluno.				
3- Permite a reutilização				

**Anexo 2 – Inquérito aos professores****Inquérito por questionário**

O presente inquérito integra-se no âmbito da Tese de Mestrado sobre a Análise de Manuais Escolares do Mestrado em Ensino do Português da Escola Superior de Educação de Coimbra, o qual tem como objetivo averiguar o grau de informação e opinião dos professores de Língua Portuguesa quanto à avaliação de um manual de Língua Portuguesa.

Para que esta investigação seja possível necessitamos da sua colaboração. O inquérito é anónimo, destinado exclusivamente ao tratamento de dados para uma conclusão final.

## 1. Sexo

Feminino  Masculino  Idade: \_\_\_\_\_

## 2. Conhece os critérios de avaliação a ter em conta na avaliação de um manual?

Sim  Não

## 3. De entre os seguintes pontos, assinale os aspetos que julga serem os mais importantes na avaliação de um manual:

Organização.	
Método.	
Espaçamento entre linhas.	
Formatação dos textos.	
Diversidade de exercícios.	
Variedade linguística.	
Enriquecimento da área vocabular.	
Características materiais.	
O nível de informação adequada à faixa etária.	

Estar de acordo com o currículo nacional.	
Espessura e textura.	
Diversidade de atividades interdisciplinares.	
Seleção de autores.	
Os textos escolhidos pelos autores.	

Outro: \_\_\_\_\_

4. De entre as afirmações escolha a que mais acha correta:

As ilustrações servem apenas para dar cor ao manual.	
As ilustrações são uma segunda interpretação dos textos.	
As ilustrações são uma segunda interpretação do livro.	
As ilustrações ajudam os alunos a interessar-se pelo estudo do livro.	
As ilustrações devem ser muito coloridas.	
As ilustrações devem ser moderadas consoante o tipo de texto e faixa etária.	

Outra: \_\_\_\_\_

5. Quais os aspetos que acha fundamentais na avaliação de um livro em língua portuguesa:

A apresentação.	
As ilustrações.	

Os textos e autores dos textos.	
Os textos.	
Os autores dos textos.	
Os autores do manual.	
A capa.	
Os anexos (livro de atividades, dossier do professor, etc. ).	
A organização dos conteúdos presentes no currículo nacional.	
O método de ensino aprendizagem.	

Outro: \_\_\_\_\_

---

6. Um manual é:

Um guia do ensino para o professor.	
Um auxílio no processo de ensino-aprendizagem do professor.	
Uma ferramenta de trabalho que nos ajuda a preparar as aulas.	
Uma base onde vamos buscar fichas para os alunos.	

Outro: \_\_\_\_\_

---

7. Nas suas aulas valoriza mais que tipo de texto:

Narrativo	
Poético	
Dramático	
Informativo	

8. Desenvolve projetos interdisciplinares entre a disciplina de Língua Portuguesa e outra? Se sim, indique um exemplo.

Sim  Não

---

---

---

---

9. Dá mais valor a um manual que desenvolva a autonomia do aluno ou um manual que desenvolva a criatividade? Justifique.

Sim  Não

---

---

10. Faz uso de novas fontes de saber/informação como é o caso da internet? Se sim, em que situação e indique exemplos.

Sim  Não

---

---

---

---

11. Costuma usar outro material didático para além do manual adotado? Se sim, qual?

Sim  Não

---

---

---

---

12. Preocupa-se em atribuir às suas aulas um carácter prático? Se sim, de que forma, exemplifique.

Sim  Não

---

---

---

---

13. Acha que o manual adotado deve apenas respeitar as orientações que constam no currículo nacional?

Sim  Não

14. Tem o cuidado de reparar em possíveis erros do manual, os quais poderão não estar adequados ao nível de aprendizagem dos alunos? Se sim, exemplifique uma vez que lhe tenha acontecido esta situação.

Sim  Não

---

---

---

---

15. Tem o cuidado de procurar trabalhar textos que desenvolvam a educação para a cidadania? Em que situações?

Sim  Não

---

---

---

---

16. Costuma averiguar se o manual adotado contém discriminações quanto a sexos, etnias, religiões, deficiências? Porquê?

Sim  Não

---

---

---

---

17. Trabalha apenas os textos existentes no manual? Se sim, porquê?

Sim  Não

---

---

---



---

18. O que pensa ser mais importante:

O índice.	
Página inicial de apresentação do manual com a explicação da organização e método ao longo de cada unidade.	

Outro: \_\_\_\_\_

19. Considera o peso do manual um fator a ter em conta na sua avaliação?

Sim  Não

20. Que tipo de manual prefere?

Reutilizável  Não reutilizável

21. Dá especial destaque às obras sugeridas pelo PNL?

Sim  Não

22. Costuma recorrer ao dossier do professor que, na maioria dos casos, os manuais têm com múltiplos recursos (planificações, fichas de avaliação, planos de aula, etc.)?

Sim  Não

**Muito Obrigada pela sua Colaboração!**



**Anexo 3 – Inquérito aos alunos***Inquérito por questionário*

O presente inquérito integra-se no âmbito da Tese de Mestrado sobre a Análise de Manuais Escolares do Mestrado em Ensino do Português da Escola Superior de Educação de Coimbra e, tem como objetivo averiguar o grau de informação e opinião de alunos do 6º ano relativamente ao seu manual de Português.

Para que esta investigação seja possível necessito da tua colaboração. O inquérito é anónimo, destinado exclusivamente ao tratamento de dados para uma conclusão final.

1. Sexo:

Feminino  Masculino  Idade

2. Tens por hábito folhear o manual antes de começarem as aulas?

Sim  Não

2.1. Se respondeste sim, indica o que costumás procurar num livro de português a primeira vez que o abres:

As ilustrações.	<input type="checkbox"/>
O título dos textos.	<input type="checkbox"/>
Se tem soluções.	<input type="checkbox"/>
Os autores.	<input type="checkbox"/>
Os exercícios.	<input type="checkbox"/>
O índice.	<input type="checkbox"/>

Outro: \_\_\_\_\_

3. No final de um dia de aulas, costumás abrir o livro de Português em casa e ler alguns textos? Se sim, explica porquê?

Sim  Não

---

---

4. Costumas estudar pelo:

Manual.	
Apontamentos do professor.	
Caderno de atividades.	

Outro: \_\_\_\_\_

---

5. Efetuas exercícios do livro de atividades ou manual por livre e espontânea vontade?

Sim  Não

6. Gostas das ilustrações do teu manual de português?

Sim  Não

7. Que tipo de exercícios achas mais interessantes:

Escolha múltipla.	
Verdadeiro ou Falso.	
Desenvolvimento.	
Resposta direta.	

Outro: \_\_\_\_\_

---

8. O teu manual contém um guia gramatical (o qual pode ser anexo ao livro ou, constar na última unidade do mesmo)?

Sim  Não

8.1. Se respondeste sim indica se o costumavas consultar e em que situação.

---



---



---



---

9. Quando estudas pelo manual costumavas guiar-te através de:

Índice.	
Unidades.	
Guia gramatical.	
Textos trabalhados nas aulas.	
Fichas de autoavaliação que costumam estar presentes no final de cada unidade.	
Itens de resumo da matéria que se encontram espalhados pelo livro com títulos semelhantes a: “FIXA”, “RECORDA”, “RESUMO”, etc. .	

Outro: \_\_\_\_\_

---

10. Gostas dos textos do teu manual de português?

Sim  Não

10.1. Se respondeste sim, dá um exemplo de um texto que tenhas lido e gostado. Se te lembrares referencia também o autor.

---



---



---



---

11. Que tipo de textos gostas mais?

Narrativo.	
Poético.	
Dramático.	
Informativo.	

12. Achas que o teu manual é muito pesado?

Sim  Não

13. O teu manual tem:

Livro de atividades?	
CD áudio?	
Guião de leitura com sugestão de algumas obras?	
Apêndice gramatical?	

Outro: \_\_\_\_\_

14. O teu manual permite a reutilização?

Sim  Não

15. Dos textos do manual que já leste, ou estudaste nas aulas, conseguiste perceber com clareza o seu tema principal?

Sim  Não

16. Sentes vontade de ler e estudar quando abres o manual de português?

Consoante a tua resposta, explica porquê.

Sim  Não

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

17. Gostas de desenvolver atividades de português juntamente com outras disciplinas? Consoante a tua resposta, explica porquê.

Sim  Não

---

---

---

---

18. Consegues compreender e cumprir as orientações de cada texto do teu livro que, na maioria das vezes, costumam estar apelidadas de: “ANTES DE LER”, “LEIO”, “ESCREVO”, “COMPREENDO”, “OFICINA GRAMATICAL”?

Sim  Não

19. Costumas usar a internet para estudar?

Sim  Não

20. O teu manual apela ao uso de outros materiais de estudo que não sejam o livro?

Sim  Não

21. Muito resumidamente, tenta descrever qual é para ti o manual ideal que te ajudasse a estudar melhor e com menos dúvidas.

---

---

---

---

**Muito Obrigada pela tua Colaboração!**